This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

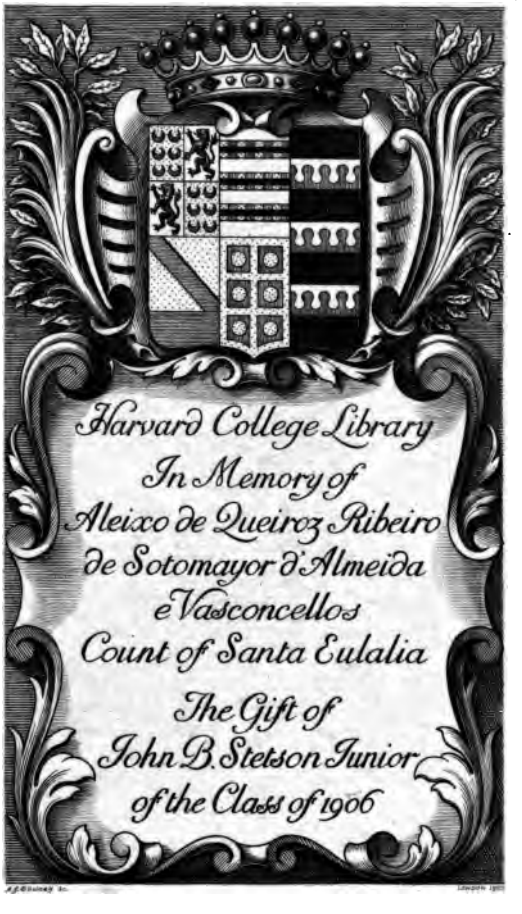
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

131
5.10

3 2044 035 029 6

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

Span 197.5.10


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

ORA MARITIMA

R. FESTUS AVIENUS

ORA MARITIMA

ESTUDO D'ESTE POEMA
NA PARTE RESPECTIVA À GALLIZA E PORTUGAL

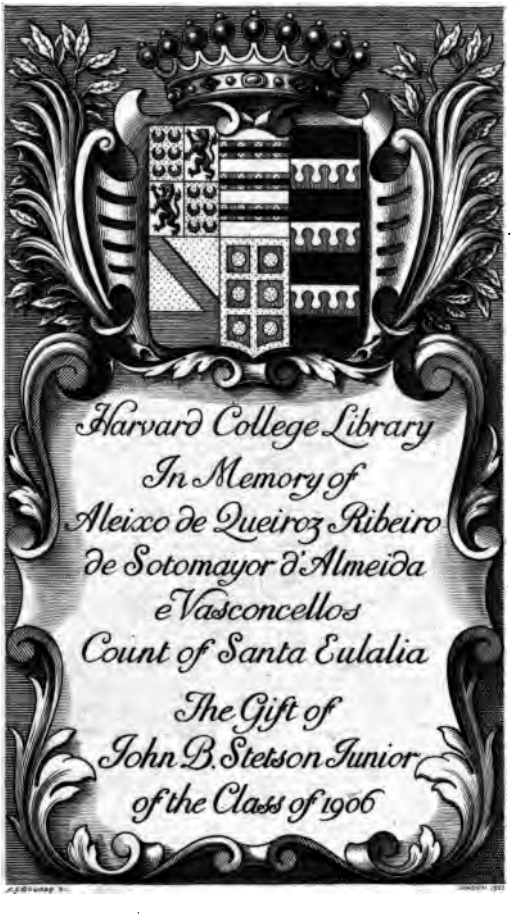
POR

F. MARTINS SARMENTO

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

1880

Span 197.5.10


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

R. Festus Avienus

ORA MARITIMA

ESTUDO D'ESTE POEMA
NA PARTE RESPECTIVA Á GALLIZA E PORTUGAL

POR

F. MARTINS SARMENTO

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

1880

R. Festus Avienus

ORA MARITIMA

ESTUDO D'ESTE POEMA
NA PARTE RESPECTIVA Á GALLIZA E PORTUGAL

POR

F. MARTINS SARMENTO

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62
1880

ORA MARITIMA

Span 197.5.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Aug. 14, 1924

MEMORIA

OFFERECIDA

A' ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA

Span 197.5.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Aug. 14, 1924

MEMORIA

OFFERECIDA

A' ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA

ORA MARITIMA

O poema d'Avieno, *Ora maritima,* é considerado por alguns como um acervo d'enigmas burlescos [1], por outros como um repositorio de noticias antiquissimas, que debalde se procurarão n'outra parte [2].

Acceitando a opinião dos optimistas, imagina-se a importancia da obra d'Avieno para a archeologia do nosso paiz, lembrando que cada dia se enraiza mais a convicção de que a ba-

---

[1] O snr. E. Desjardins na sua *Geographie hist. et adm. de la Gaule Rom.* entende que a sciencia geographica só póde tirar da decifração do poema d'Avieno o mesmo proveito, que tiraria da carta de Pantagruel, se alguem se lembrasse de a organisar. O snr. Luchaire e outros só vêem na obra d'Avieno *amusements archéologiques.*

[2] Principalmente os snrs. Karl Müllenhoff, Arbois de Jubainville, W. Christ, F. de Saulcy, cujas obras teremos occasião de citar em seu logar.

se principal dos trabalhos do poeta é um periplo phenicio que deve remontar ao seculo VI, antes da nossa era [3].

A *Ora maritima* seria n'este caso o mais antigo documento ethno-geographico do Occidente, um documento d'um valor infinito, pois que as suas noticias nos proviriam d'uma testemunha ocular—o que em verdade o persuade a menção de minudencias topographicas, com que são caracterisadas não poucas das localidades, constantes d'este roteiro.

Mas, sem embargo d'isso, o poema d'Avieno é d'uma obscuridade proverbial, e a identificação de algumas d'aquellas localidades tão problematica, que ainda não está bem assente que nome dava o poeta ao Finisterræ [4], promontorio, sem duvida alguma o mais importante da Hispanha para quem fazia viagem entre a peninsula e as famosas ilhas d'estanho, mórmente se, como é hoje geralmente acreditado, esta navegação se fazia d'ahi a direito, por alto mar.

Assim este celebre periplo phenicio não passaria d'um verdadeiro logogripho, quando aliás o seu fim não podia ser outro, senão o de tornar conhecidas, pelo menos dos seus compatriotas, as costas occidentaes, que elles tinham de percorrer tanta vez. Para explicar estas anomalias, sustenta-se que o velho periplo, ao passar de mão em mão, soffreu alterações e deturpações que o reduziram ao estado cahotico em que actualmente o vêmos.

---

[3] Karl Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, pag. 111; Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 215.

[4] Por Finisterræ entenderemos a ponta do noroeste da Hispanha, desde o Finisterræ propriamente dito até o Cabo d'Ortegal. Isto poupa-nos circumlocuções fastidiosas. Mas vide pag. 38.

Estudar estas alterações tem sido a tarefa da critica, e se, na parte de que vamos occupar-nos, refazemos esta tarefa, não é por desconhecermos o valor dos trabalhos anteriormente feitos, mas por entendermos que o ponto de vista, em que nos collocamos, póde lançar alguma luz sobre este assumpto escurissimo.

Depois d'um largo preambulo, Avieno rompe a sua descripção com estes estranhos versos:

Terræ patentis orbis effuse jacet,
Orbique rursus unda circumfunditur.
Sed qua profundum semet insinuat salum
Oceano ab usque, ut gurges hic nostri maris
Lonje explicetur, est Atlanticus sinus.
Hic Gaddir urbs est, dicta Tartessus prius:
Hic sunt columnæ pertinacis Herculis,
Abyla atque Calpe (hæc læva dicti cespitis,
Libyæ propinqua est Abyla): *duro perstrepunt*
Septemtrione, sed loco certæ tenent.
Et prominentis *hic* jugi surgit caput,
(Œstrymnin istud dixit ævum antiquius),
Molesque celsa saxei fastigii
Tota in tepentem maxime vergit Notum.
Sub hujus autem prominentis vertice
Sinus dehiscit incolis Œstrymnicus,
In quo sese exserunt Œstrymnides,
Laxe jacentes, et metalo divites
Stanni atque plumbi. (V. 80-98).

Pondo por agora de lado as singularidades, que formigam n'esta passagem, e limitando-nos á parte meramente topogra-

phica, vêmos que o poeta n'uma viagem que faz do Estreito ás Œstrymnides nos nomeia:

O promontorio œstrymnico,
O golfo œstrymnico,
As ilhas œstrymnicas.

É já nos dous primeiros nomes que tropeçam os commentadores. Onde ficam o promontorio œstrymnico e o golfo œstrymnico? O snr. Karl Müllenhoff, por exemplo, quer que um e outro sejam procurados entre o golfo da Gasconha (o *magnus sinus* do v. 147) e as ilhas, devendo aquelles nomes ser intercalados nos da lista da segunda viagem, das Œstrymnides para o Estreito, perfazendo assim uma lista unica, e o sabio allemão pretende achar o golfo œstrymnico na Mancha, e o promontorio œstrymnico n'um promontorio da Bretanha [5]. Mas esta opinião não encontra no poema um unico texto a seu favor.

Muito pelo contrario. O promontorio œstrymnico fica no *sinus atlanticus,* onde tambem ficam as columnas [6]. Por esta indicação é desde o Estreito até o Cabo de S. Vicente inclusivamente que o havemos de procurar.

Verdade é que o promontorio œstrymnico tambem se chama uma «*moles celsa saxei fastigii* virada quasi toda ao tepido sul», e estes traços, a bem dizer photographicos, como que nos estão apontando ao dedo o Cabo da Roca: o nome de Ro-

---

[5] K. Müllenhoff, obr. cit., pag. 91, e carta ao fim do volume.

[6] A lacuna, admittida pelo snr. Müllenhoff (obr. cit., pag. 88) e outros no v. 88, é uma supposição inteiramente gratuita.

ca (=rocha) deve a sua origem precisamente á *moles saxei fastigii* que a caracterisa. Por esta nova indicação o promontorio œstrymnico já não ficaria no *sinus atlanticus,* senão na costa occidental da Hispanha.

Mas o Œstrymnis ainda dá começo ao golfo œstrymnico, onde ficam as Œstrymnides, Cassiterides. Ora para nós é pouco menos de intuitivo que o *sinus œstrymnicus* e o *magnus sinus* são uma e a mesma cousa. Se bem que Avieno na segunda viagem dê ao golfo a denominação vaga de *magnus sinus,* diz-nos ainda assim que um dos lados do *magnus sinus* é formado por um dos lados d'Ophiusa, *chamada d'antes Œstrymnis* (v. 154). Que outro golfo póde ter mais direito a ser chamado œstrymnico do que aquelle que é formado por um dos lados d'Œstrymnis?

A objecção de que era pouco provavel que o poeta substituisse um nome proprio por uma denominação vaga, e exactamente quando o nome proprio mais indispensavel se tornava para a clareza da sua descripção, esquece se é provavel que o golfo da Gasconha deixasse de ter um nome proprio, e esquece principalmente se a substituição do nome proprio por uma denominação vaga não será um dos enigmas que convém decifrar. Veremos se é.

Se o *sinus œstrymnicus* é o mesmo que o *magnus,* — o golfo da Gasconha — o promontorio, *sub vertice* do qual elle se estende para quem do Estreito navega para as ilhas, não póde ser outro senão o actual Finisterræ.

Dir-se-ha que, sendo assim, o Œstrymnis d'Avieno é dotado d'uma verdadeira ubiquidade; ficaria no *sinus atlanticus,* na costa occidental e na ponta noroeste da Hispanha; seria ao mesmo tempo o Cabo de S. Vicente, o Roca e o Finisterræ, o que importa um absurdo desmarcado.

Assim é. Devemos porém advertir que os geographos antigos, quando acertam de fallar d'este remoto Occidente, não nos

teem acostumado a cousa melhor: os absurdos, aqui notados, nem sequer primam pelo merecimento da invenção [7].

---

[7] As Cassiterides perto do *Sacrum promontorium* é um absurdo tão velho, como Diniz periegeta:

> ..... at sub promontorium
> Sacrum, quod Europæ esse caput perhibunt
> Insulæ occidentales, ubi stanni origo.
>
> (ORBIS DESCRIPTIO, v. 561-4, ed. Didot).

O cabo da Roca, dando começo ao golfo da Gasconha, é um absurdo sustentado por Plinio. Começando no angulo do golfo uma das suas descripções da Hispanha, Plinio vem seguindo ao longo das costas até Eburobritium, na Lusitania, e continúa:

« Excurrit deinde in altum vasto cornu promontorium, quod alii Artabrum appellavere, alii Magnum, multi Olisiponense ab Oppido, terras, maria, cœlum desterminans. Illo finitur *Hispaniæ latus* et a circuitu ejus incipit frons: septemtrio hinc oceanusque gallicus; occasus illinc et oceanus atlanticus ». (*H. N.* IV, 35).

Como se vê, para Plinio as costas da Hispanha, desde a ponta do Roca até o angulo do golfo da Gasconha, correm n'uma mesma linha e voltam para o norte. É no Roca que principia o seu *oceanus gallicus*, o *sinus æstrymnicus* d'Avieno. Aqui não ha erro de copista. Solino, o chamado *Simia* de Plinio, diz a mesma cousa. (*Coll.*, etc., ed. Mommsen, pag. 116).

Advertiremos que Avieno na sua traducção de Diniz muda as ilhas occidentaes, manifestamente as Cassiterides — *ubi stanni origo* — para defronte do Atlas (*Orbis desc.*, v. 739-40), transformando-as nas Fortunatæ dos outros geographos; mas isto mesmo prova que elle meditou esta passagem, e, bem que a sua traducção de Diniz pareça anterior á composição da *Ora maritima* (Comp. *Ora Mar.*, v. 71-3), resta saber se o roteiro, em que baseia o seu poema, lhe era já conhecido e se a geographia d'elle influiu na alteração que o poeta faz soffrer á do periegeta.

Mas, se não póde causar estranheza que o auctor da *Ora maritima* tenha sobre as regiões do Occidente noções geographicas tão phantasticas, como os demais sabios da antiguidade, o que póde e deve surprehender é que em face d'ellas haja quem sustente que na redacção do seu escripto o poeta se aproveitou do roteiro d'um navegador, que havia visto estas paragens com os seus proprios olhos. Aqui nem mesmo ha logar para a suspeita de que o roteiro fosse omisso em certos pontos, tendo Avieno preenchido as suas lacunas com dados geographicos d'outra procedencia, engenhando assim o cahos que vêmos, porque a confusão e a embrulhada não affecta uma ou outra parte da costa; abrange toda a costa desde o Cabo de S. Vicente ao Finisterræ. Se o roteiro era omisso desde o Cabo de S. Vicente ao Finisterræ, que podia elle dizer-lhe então ácerca das costas occidentaes da Hispanha?

Agora, se voltamos folha, e lêmos a descripção das Œstrymnides para o Estreito, as trevas d'este pequeno cahos começam a aclarar. N'esta segunda viagem Avieno menciona:

Ilhas Œstrymnides,
Magnus sinus,
Veneris jugum, insulæ duæ,
Arvi jugum,
Insula Pelagia,
Ophiusæ in oras prominens,
Um *sinus,*
Cepressicum jugum,
Achale insula, Pætanion,
Cyneticum jugum (sem contestação o Cabo de S. Vicente).

D'esta vez onde fica o promontorio œstrymnico? Em parte nenhuma. E todavia o facto de se nos ter dito que elle pegava immediatamente com o golfo œstrymnico, a identidade d'este golfo com o *magnus,* a identidade toponymica de *œstrymni-*

des ilhas, *œstrymnico* golfo, *œstrymnico* promontorio — tudo nos está clamando que o seu logar não póde ser outro, senão entre o *magnus sinus* e o *Veneris jugum:*

Ilhas Œstrymnides,
Golfo œstrymnico (=*magnus sinus*),
Promontorio œstrymnico,
Veneris jugum, etc.

O promontorio œstrymnico é então o Finisterræ, e, como aquelle nome não é conhecido de nenhum outro escriptor antigo, tendo-se por certo ser do roteiro, não só é o roteiro que chama ao Finisterræ *Œstrymnis,* mas é elle que o nomeia no seu verdadeiro logar.

O roteiro não era pois omisso quanto ao Finisterræ, vê-se agora claramente.

Nem quanto ao Roca. O Roca apparece n'esta segunda lista com a denominação vaga de *Ophiusæ in oras prominens,* porque é manifesto, em vista dos dados itinerarios (Comp. v. 162-4, 172-3), que este promontorio só póde ser o Roca. Mas aqui uma observação importante: o Roca está agora despojado da sua caracteristica topographica de *moles saxei fastigii, etc.,* que não podendo provir d'um geographo de gabinete, e só d'um pratico, d'uma testemunha ocular, é certamente extrahida do roteiro, devendo inferir-se que Avieno a transferiu do Roca, onde ella ajustava, para o seu obscuro Œstrymnis.

O roteiro tambem não era omisso com respeito ao Cabo de S. Vicente. O Cyneticum como

..... jugum
Qua sideralis lucis inclinatio est
Alte tumescens, ditis Europæ extimum,

não póde ser outro, senão o Cabo de S. Vicente.

De tudo isto resulta que o celebre roteiro, longe de ser omisso quanto ao Finisterræ, ao Roca e ao Cabo de S. Vicente, os caracterisava nitidamente, e egualmente resulta que Avieno alterou d'um modo estranho esta singela geographia.

Como e porque, é o que vamos tratar de comprehender; mas, em vez de seguirmos o caminho até hoje trilhado, pedindo ao poeta explicação de cousas que elle mesmo parece não perceber, poremos o poeta com os prejuizos geographicos do seu tempo em face da geographia do roteiro anonymo, depois de a depurarmos dos absurdos com que Avieno a baralhou.

Para obtermos a expurgação do roteiro, partiremos da hypothese — hypothese que não tardará, cremos nós, a converter-se n'um facto inconcusso — de que, tendo o seu auctor visitado as regiões que descreve, a sua geographia deve ser rigorosamente exacta, tão exacta que a possamos verificar ainda hoje n'uma das nossas cartas. A identificação d'algumas localidades, que elle nomeia, póde ser difficil ou mesmo impossivel de verificar, attenta a insufficiencia, ou mesmo inutilidade das suas indicações, que por qualquer motivo se tornassem para nós letra morta; mas aquellas que forem claras e positivas, não permittindo hesitar sobre qual ponto nos determinam, se as virmos envoltas com incidentes absurdos e ineptos, teremos como assente que taes inepcias e absurdos são da mão d'um deturpador, obtendo assim d'um lado o texto puro, d'outro as alterações, com que Avieno o desfigurou — alterações que talvez por fim possam ser explicadas.

Fazendo a applicação d'este processo á parte da descripção, extractada acima, vêmos que o promontorio œstrymnico e as columnas de Hercules ficam no *sinus atlanticus;* que Œstrymnis no *sinus atlanticus,* é ao mesmo tempo o Roca e o Finisterræ; que as columnas d'Hercules no *sinus atlanticus,* i. é. ao poente do Estreito, são Abyla e Calpe, que ficam ao nascente do mesmo Estreito; e emfim que as columnas, que

em qualquer d'estas duas posições não podiam deixar de ficar no sul e abrigadas do norte, são batidas pelo aspero septemtrião.

É impossivel que o anonymo (tendo sempre presente que se trata d'um navegante que viu por si mesmo quanto nos descreve) dissesse absurdos d'este tamanho. E, se nos lembramos que, segundo as suas proprias indicações, o Œstrymnis deve ficar no norte, é o Finisterræ, e egualmente no norte devem ficar as columnas batidas pelo septemtrião; se lembramos que no norte da Hispanha havia um monumento, ainda celebre no tempo d'Orosio e que elle nos diz ser um antiquissimo pharol para o mareante que das Britannicas demandava a Corunha [8], torna-se para nós da ultima evidencia que Avieno trocou aqui o ponto de partida da viagem, cuidando que o roteiro lhe fallava das columnas do Estreito, quando elle lhe fallava das columnas do Œstrymnis, que, como se vê, eram tambem sagradas a Hercules.

O texto, mondado das excrescencias que Avieno lhe additou, levado pela sua falsa idéa, reduz-se então a isto:

Hic sunt columnæ pertinacis Herculis.
..... duro perstrepunt
Septemtrione, sed loco certæ tenent.
Et prominentis hic jugi surgit caput,
(Œstrymnin istud dixit ævum antiquius)
Sub hujus autem prominentis vertice
Sinus dehiscit incolis Œstrymnicus,
In quo sese exserunt Œstrymnides
Laxe jacentes et metalo divites
Stanni atque plumbi.

---

8 «... ubi Brigantia civitas Galleciæ sita, *antiquissimam* pharum et inter pauca memorandi operis ad speculam Britanniæ erigit». Paul. Or. I, 2.

O ponto da partida da viagem é pois a Corunha, onde havia umas columnas d'Hercules [9].

A linha recta da Corunha ás Œstrymnides, que o anonymo faz seguir ao seu navegante através do golfo œstrymnico, e que é precisamente a mesma que, em sentido contrario, traça P. Orosio para a navegação das Britannicas (lêde Œstrymnides, e vide nota 43) á Corunha, implica a declaração do facto, que até hoje se tem baseado em conjecturas mais ou menos plausiveis, a saber: que a navegação entre a Hispanha e as Cassiterides se fazia directamente.

Esta declaração era certamente expressa no anonymo, cujo habito é, chegando a uma estação, contar em dias de navegação a distancia a que ella fica da estação precedente, sendo mais que provavel que Avieno amputou aqui este dado itinerario [10]. Nós restaurando-o, entendemos fazer uma restituição legitima:

---

[9] Para nós é provavel que o roteiro lhe não fallava d'outras. Vid. not. 16.

[10] Não tem merecido toda a attenção de que é digna a seguinte particularidade. Nos v. 562-5, está marcada em dias de navegação toda a extensão das costas do nascente e do sul da Hispanha até ás columnas do Estreito. Das columnas ao *arvi jugum* marca-se tambem a extensão das costas do poente. Aqui pára a contagem, mas *continúa das Œstrymnides para Hierne*, um dos pontos extremos do roteiro. Ha pois uma verdadeira lacuna: do *arvi jugum* ás Œstrymnides, se, como parece incontestavel, a navegação entre a Hispanha e as ilhas se fazia directamente. Como porém o *arvi jugum* fica no meio da costa (pag. 22) e é impossivel que a distancia da Hispanha para as Œstrymnides fosse contada d'aqui e não da Corunha, que era o ponto da partida da viagem, temos de admittir duas lacunas, uma de *arvi jugum* á Corunha, outra da Corunha ás Œstrymnides. Estas lacunas existiam já no roteiro, ou são obra d'Avieno? Evidentemente são obra d'Avieno. O

Das columnas do Œstrymnis ás ilhas Œstrymnides 6 dias [11].
Das Œstrymnides, e depois de nos fallar das localidades do

---

primeiro dado itinerario encontrou-o elle no seu original, e a prova é que o inverteu (pag. 25); o segundo veremos que elle é forçado a suppimil-o (nota 42), havendo por isso todas as probabilidades de que tambem era expressamente mencionado.

Poderia objectar-se que não seriam estas as unicas lacunas do original, pois que á volta das Œstrymnides o roteiro deveria marcar a extensão dos dous lados do golfo œstrymnico e essas medidas faltam.

A este facto desejamos nós dar todo o seu relevo, para tirarmos d'elle consequencias, cuja importancia reconheceremos mais tarde.

A medida d'um dos lados do golfo, do lado d'Ophiusa, não falta; mas apparece-nos em globo e por equiparação com a somma de dias que levava a circumnavegar o Peloponeso, e claro é que o roteiro não gastaria palavras com esta indicação indeterminada, se nas imaginadas lacunas descrevesse este lado d'Ophiusa, ou as costas do norte da Hispanha, que vale o mesmo, com as minuciosidades, com que descreve as outras. É certo porém que não só salta por cima d'estas minuciosidades, mas nem um porto nos nomeia, nem sequer um promontorio, o que para nós é signal evidente de que a descripção d'esta parte da Hispanha ficava completamente fóra do plano d'este roteiro, que comprehende exclusivamente a viagem de Tartessus a Hierne. O auctor do roteiro, das Œstrymnides para a Corunha, vem pelo caminho que foi, e não costeando os dous lados do golfo, e, a nosso juizo, quanto elle nos diz a tal respeito é principalmente subordinado á noticia da estrada que do angulo do golfo leva ao mar Sordo, e que elle entende poder ser util a quem quer que preferisse aquelle caminho á circumnavegação de toda a Hispanha.

As costas da Gallia ficam inteiramente na sombra.

[11] É impossivel saber ao certo a quantos stadios corresponde n'este roteiro um dia de navegação. Do Tartessus ao Ana um dia equivale a 500 stadios; do Ana ao *Cyneticum jugum* a mais de 800; do *Cyneticum* ao Roca a 1:000. Calcular pois quantos dias de navegação deviam gastar-se da Corunha ás Œstrymnides parece mais que difficil.

norte, que não tem que vêr com esta parte do nosso estudo, o anonymo volta para o sul, dizendo:

> Post illa rursum quæ supra fati sumus,
> Magnus patescit æquoris fusi sinus
> Ophiusam ad usque. (v. 146-8).

O lado d'este golfo que o viajante vai descortinando, vindo das ilhas, estende-se, como se vê, até Ophiusa, e até um ponto d'Ophiusa, bem determinado nos versos seguintes:

> ..... rursum ab hujus litore
> Internum ad æquor, qua mare insinuare se
> Dixi ante terris, quodque Sordum nuncupant
> Septem dierum tenditur via. (V. 148-51).

O lado do golfo, vindo das OEstrymnides, estende-se do norte a sul, e chega até um ponto, d'onde um caminheiro que queira ir por terra para a costa do mar Sordo, no Mediterraneo (Comp. v. 552 e seguintes), gastará 7 dias. Esta estrada segue, como não póde deixar de ser, parallela á cordilheira dos Pyreneos, e o seu ponto de partida é no angulo do golfo da Gasconha, ou proximo. O lado do golfo até aqui descripto é formado portanto pelas costas occidentaes da Gallia, e termina no angulo do golfo da Gasconha.

D'este mesmo angulo começa Ophiusa, cujo lado, correndo

Como porém a navegação de dous dias das OEstrymnides a Hierne póde quasi considerar-se como uma secção da navegação da Corunha a Hierne, e a navegação da Corunha ás OEstrymnides é tres vezes mais longa que aquella, o dado de seis dias, que adoptamos, parece-nos tão rigorosamente exacto, como se fosse expressamente mencionado.

*

para poente, como é manifesto pela sequencia da descripção, fórma o outro lado do *magnus sinus,* que não póde ser senão o golfo da Gasconha, o *sinus œstrymnicus,* da primeira viagem, pois que entre as Cassiterides e a Hispanha não ha outro.

O anonymo dá-nos mesmo a medida aproximada d'este lado d'Ophiusa:

> Ophiusa porro tanta panditur latus,
> Quantam jacere audis Pelopis insula
> Graiorum in agro. (V. 152-4).

Quer dizer, que este lado d'Ophiusa tem a mesma extensão que todo o perimetro do Peloponeso, o que quem quer póde verificar n'uma carta, comparando a extensão das costas cantabricas, que outra cousa não é este lado d'Ophiusa, como de certo se percebeu já, com o perimetro da Morêa [12].

---

[12] É realmente extraordinario que o verdadeiro sentido d'esta passagem tenha escapado aos commentadores. Para uns o roteiro compara Ophiusa ao Peloponeso pela abundancia de promontorios, que ha em ambas as regiões; para outros pela similhança da sua configuração, chegando alguns a suppôr que Ophiusa é uma ilha, porque ao Peloponeso dá Avieno a denominação de ilha—*absurdo,* cuja paternidade tambem é attribuida ao poeta, que de certo nada mais faz aqui do que reproduzir o seu original, e que, mesmo sem isso, apenas repetiria o que antes d'elle escreveram muitos dos antigos geographos, cujos nomes é ocioso nomear, bem como o dos commentadores, a que estamos alludindo.

Mas não soffre duvida que o roteiro confronta aqui *todo o Peloponeso* com *um lado d'Ophiusa,* para nos dizer que a extensão d'ambos elles é a mesma, ou, segundo o seu modo de contar as distancias, que

Esta indicação itineraria, sem duvida muda para Avieno [13], traz-nos ao limite occidental das costas cantabricas, ás proximidades do promontorio œstrymnico do anonymo; mas Avieno não nos diz agora uma palavra do Œstrymnis, e escreve:

> Procedit *inde* in gurgites Veneris jugum,
> Circumlatratque pontus insulas duas,
> Tenue ob locorum inhospitas. (V. 158-60).

Nas costas cantabricas não ha ilhas [14]; ha-as na costa

---

a navegação ao longo d'este lado d'Ophiusa se faz em tantos dias, como a circumnavegação do Peloponeso. Com effeito, se medirmos as costas cantabricas e o perimetro da Moréa, desprezando as suas enseadas (sendo n'este sentido que consideramos aqui o seu perimetro), nada mais exacto que a affirmativa do auctor do roteiro.

[13] Em Scylax (*Periplus*, 41 e seguintes), que é um dos seus auctores (v. 44), podia Avieno saber a que numero de stadios montava a circumnavegação do Peloponeso, contando as enseadas. Em Plinio egualmente (*H. N.*, IV, 5), e por este saberia mais que, não as contando, tinha de reduzir aquella somma a metade — o que não é exacto. Mas, como o roteiro não é expresso n'este particular, as informações de Scylax eram inuteis, ou só proprias para o induzir em erro, obrigando-o a incluir nas costas do norte da Hispanha parte da costa occidental. Se procurasse saber a extensão das costas do norte da Hispanha, para cotejar os dous dados e verifical-os um pelo outro, Plinio, o unico auctor que podia fornecer-lhe estes novos esclarecimentos (*H. N.*, IV, 35); ainda mais o confundia, dizendo-lhe em summa que estas costas se estendiam até ao Cabo da Roca. É possivel que Avieno nem se désse ao trabalho d'estas investigações. Que elle porém, ou induzido por Plinio, ou por outro qualquer, tem sobre o norte da Hispanha as mesmas idéas que o naturalista, basta vêr que nenhuma duvida põe em que o *arvi jugum*, a dous dias do Roca, fique voltado para o aspero septemtrião.

[14] Não se póde pensar aqui nos Scopuli Trileuci. Estes são

occidental da Hispanha. É pois aqui que ellas devem ser procuradas, bem como o *Veneris jugum,* que pela fórma, por que esta noticia nos é dada, lhes deve ficar muito proximo. Avieno passou portanto o Œstrymnis, sem sequer alludir a elle. É mais que improvavel que o anonymo fizesse tal, e a confirmação d'esta suspeita não se fará esperar.

> ..... arvi jugum
> Rursum tumescit prominens in asperum
> Septemtrionem. (V. 160-2).

Se é na costa occidental que as ilhas, proximas do *Veneris jugum,* hão-de ser procuradas, por força de maior razão o ha-de ser o *arvi jugum,* que lhes fica a sul. Para dissipar todas as duvidas, o *arvi jugum* dista de *Ophiusæ in oras prominens,* i. e. do Roca, dous dias (v. 171-3), e qualquer ponto a dous dias ao norte do Roca não póde deixar de ficar

---

rochedos, como o diz a sua denominação, aliás pleonastica, pois que *scopuli* e *leuci* são duas palavras de origem differente, que exprimem a mesma cousa, vendo-se claramente que da ultima são representantes actuaes o *lech* e analogos das linguas chamadas neo-celticas, o portuguez *lage,* augmentativo *leichão,* plural *leichões,* nome ainda hoje vulgar para designar alguns *scopuli* das nossas costas. As ilhas, de que falla o roteiro, além de serem duas, não tres, se estavam deshabitadas, era por causa da sua pequenez, e elle não se esquece de nos advertir que são ilhas no rigoroso sentido da palavra

> *Circumlatrat* pontus insulas duas

não havendo talvez n'esta advertencia nada de banal: sabe-se que os phenicios pelo vocabulo ilha tanto entendiam uma ilha, como uma peninsula. (Smith, *The Cassiterides,* pag. 52).

nas costas do poente [15]. Se o *arvi jugum* fica nas costas do poente, é absolutamente impossivel que seja o anonymo quem nos diz que elle boja para o septemtrião. Um promontorio, bojando para o septemtrião, só póde ficar nas costas cantabricas, e, como o anonymo n'estas costas apenas menciona o Œstrymnis, é quasi certo que ao Œstrymnis é que elle applicava aquella indicação, e não menos certo que Avieno não sómente supprimiu a passagem que nomeava o Œstrymnis n'este logar, mas que translocou para o *arvi jugum* uma indicação topographica, que era pelo anonymo applicada áquelle promontorio.

A contar portanto do v. 158, a descripção d'Avieno está exigindo a seguinte correcção:

> Rursum tumescit prominens (*Œstrymnis*) in asperum
> Septemtrionem.....
> Procedit inde in gurgites Veneris jugum,
> Circumlatratque pontus insulas duas
> Tenue ob locorum inhospitas.

Em seguida ao *Veneris jugum* e ilhas convisinhas o anonymo mencionava o *arvi jugum;* e, como ha aqui uma estação itineraria, devia elle, segundo o seu costume, marcar-nos a distancia desde a estação itineraria que ultimamente deixou áquella a que chegou, i. e. do Œstrymnis ao *arvi jugum*.

---

[15] Mesmo admittindo o *maximum* da navegação diaria dos phenicios, comprehendendo dia (700 stadios) e noite (600). Sobre este ponto vide Movers, *Das Phönisische Alterthum*, 3.ª parte, pag. 191.

Em vez d'isso, lêmos:

> Cursus autem hinc (do *arvi jugum*) classibus
> Usque in columnas efficacis Herculis
> Quinque est dierum. (V. 162-4).

Esta passagem é duas vezes estranha; primeiro: porque seria o caso unico, em que o anonymo marcaria a distancia para uma estação, aonde não chegou ainda, e que portanto não havia razão, antes inconveniencia de nomear; segundo: porque, embora se quizesse escusar esta excepção com a notoriedade das columnas do Estreito, e principalmente com a boa idéa de ligar esta grande secção itineraria com a das columnas a Pyrene (v. 562-5), dando-nos assim a medida total das costas da Hispanha, que Avieno descreve, é evidente que esta idéa seria boa, e mesmo excellente, se a contagem fosse feita do Finisterræ (Œstrymnis do periplo), que era a ultima estação itineraria d'um lado da Hispanha, como Pyrene o era do outro; mas, feita do *arvi jugum,* que nem é ultima estação itineraria, e que, ficando no meio da costa, nada tem que o recommende para tal preferencia, a idéa, longe de ser excellente, ou sequer boa, é simplesmente disparatada.

A unica contagem, admissivel no *arvi jugum,* era, repetimos, a do Œstrymnis a este promontorio.

Se attendemos agora a que o anonymo conta sempre por curtas secções de tal a tal estação, e não perderia tempo inutil a fazer a somma, e sobretudo a somma incompleta d'estas addições; se reparamos que a antecipação, aqui notada, é contraria aos seus habitos; e se nos lembramos por fim que elle no Œstrymnis collocava umas columnas d'Hercules, torna-se muito plausivel, pelo menos para nós, a supposição de que Avieno encontraria no seu documento, em vez d'esta nota: *Do promontorio œstrymnico ao* ARVI JUGUM, est'outra: — *Das columnas d'Hercules* (DO ŒSTRYMNIS) *ao* ARVI JUGUM.

Imagina-se o que seria para Avieno, que não conhece outras columnas senão as do Estreito, esta enormidade: as columnas d'Hercules entre as Cassiterides e o *arvi jugum*, e distantes um dia d'este promontorio [16]. Invertendo os termos e emendando: Do *arvi jugum* ás columnas (do Estreito), Avieno pensaria ter corrigido um lapso do anonymo, e substituindo o algarismo 1 por 5, conforme a somma dos dados itinerarios parciaes, fornecidos pelo proprio anonymo, o poeta entenderia fazer uma restauração irreprehensivel. Desfazendo-a nós, en-

---

[16] Dissemos na nota 9 que nos parecia muito provavel que o roteiro não fallava d'outras columnas d'Hercules, senão das do norte. Eis as nossas razões. Avieno compõe a somma de cinco dias de navegação, desde o *arvi jugum* ás columnas, com as parcellas que lhe fornece o roteiro d'alli até Tartessus. Mas em Tartessus o roteiro não lhe falla de columnas d'Hercules, pois que vêmos mais tarde o poeta a perguntar a todos os escriptores seus conhecidos onde ellas ficavam, e o que eram. São Abyla e Calpe; ficam em Herma (v. 341), que nada tem com Abyla e Calpe; são rochedos (v. 343); são ilhas (v. 353-5). Como é que elle interroga toda a gente, menos o auctor do roteiro, que tão exacto costuma ser? Para nós a razão é simples: o roteiro parava na ilha de Tartessus e não ia mais adiante, ou, pelo menos, não chegava ás classicas columnas. Uma só passagem atrapalhada, em que Avieno associa as columnas com Tartessus (Vid. pag. 70), faria crêr que o anonymo alguma cousa lhe dizia d'um monumento, que merecia tão justamente o nome de columna d'Hercules, como o da Corunha (o pharol, chamado mais tarde *monumentum, turris Cæpionis* (P. Mela, III, 1; Strab. III, I, 9); mas, se assim era, Avieno não reconheceu aqui as celebres columnas, pois que as procura n'outra parte. Não será superfluo acrescentar que Strabon, fazendo as mesmas diligencias que o poeta, e perdendo tambem o seu tempo, escreve: «Hinc quosdam putare extrema freti columnas esse, alios esse Gades, alios esse quippiam ultra Gades *in externo mare sitas*». (III, V, 5).

tendemos egualmente traduzir o pensamento do anonymo, tão inconscientemente maltratado por Avieno.

Assim, *das columnas d'Hercules* (DO ŒSTRYMNIS) *ao* ARVI JUGUM *um dia.*

Ao *arvi jugum* segue-se a menção da *insula Pelagia* e do promontorio vagamente denominado *Ophiusæ in oras,* sendo muito provavel que Avieno supprimisse aqui o nome que lhe dava o seu anonymo [17]. D'ahi ao Cabo de S. Vicente, *Cynetícum jugum,* a descripção corre tão methodica e regular, podemos d'antemão affirmal-o, como no golfo da Gasconha.

As alterações e deturpações, que Avieno fez soffrer ao roteiro nas costas do poente da Hispanha, consistem pois: na translocação do ponto de partida da viagem, translocação motivada pela das columnas d'Hercules e do Œstrymnis, que lhes ficava nas proximidades, para o *sinus atlanticus;*

na suppressão da medida itineraria de seis dias entre as columnas do Œstrymnis e as ilhas;

na suppressão completa do promontorio Œstrymnis no norte;

na substituição da medida itineraria, contada pelo anonymo das columnas do Œstrymnis para o *arvi jugum,* por outra do *arvi jugum* para as columnas do Estreito;

na suppressão do nome proprio do Roca.

Tudo isto, como se vê, tumultua em volta d'um ponto unico — o Œstrymnis do anonymo.

Estudando agora o que podiam ser para Avieno as affirma-

---

[17] Um promontorio anonymo seria caso unico n'este documento. As razões, que teve Avieno para lhe supprimir o nome, podem vêr-se a pag. 59, nota.

tivas do roteiro, concernentes a este mysterioso promontorio e ás columnas não menos mysteriosas, vamos talvez achar a explicação de parte, senão de todos os seus enigmas.

Quatro deviam ser as passagens, em que o anonymo lhe fallava do Œstrymnis e das columnas:

1.ª Logo no principio da descripção, dizendo-lhe que o promontorio e as columnas ficavam no mesmo logar — *hic;*

2.ª Quando, chegando ás ilhas œstrymnicas, marcava seis dias de distancia entre ellas e o Œstrymnis;

3.ª Quando marcava a distancia d'um dia entre as columnas do Œstrymnis e o *arvi jugum;*

4.ª Finalmente: quando lhe mencionava o Œstrymnis bojando para o septemtrião.

As duas primeiras passagens explicam, pensamos nós, a razão por que Avieno troca o ponto de partida da viagem, fazendo-a começar do Estreito de Gades, quando ella realmente começava da Corunha.

D'estas duas passagens a que mais devia chamar-lhe a attenção, por lhe dar uma orientação segura para a posição do promontorio Œstrymnis, era a que lhe marcava seis dias de distancia entre as ilhas e este promontorio.

Aqui está a lente, através da qual elle devia interpretar esta noticia. Todos os sabios, na leitura de cujas obras elle consumira os dias (v. 9-11), collocavam as Cassiterides, Œstrymnides do anonymo, quasi á vista da Hispanha [18]; a sua propria opinião era que a mesma Britannia ficava extrema-

---

[18] É tão sabido este facto, que julgamos inutil exhibir provas, que exigiriam longas citações.

mente (*nimium*) visinha do norte da Iberia [19]. Se alguem lhe suggerisse que o Œstrymnis era um promontorio do norte da Hispanha, e que as Œstrymnides distavam d'elle seis dias, Avieno certamente trataria o seu observador como um réo de leso-senso-commum. Seria quasi como se lhe dissessem que quem d'um promontorio do norte da Hispanha se embarcasse para o sul, ao fim de seis dias, chegava... ao norte da Hispanha. Quem d'um promontorio do norte da Hispanha se embarcasse para o sul aonde devia chegar, em seis dias, era ao Estreito de Gades.

Por uma casualidade, que bem póde chamar-se diabolica, o anonymo collocava umas columnas d'Hercules no Œstrymnis. A ingenuidade com que o poeta nos falla das columnas Calpe e Abyla, batidas pelo *aspero septemtrião,* sem sentir felizmente para nós o que havia de disparatado em conservar-lhes as indicações locaes que o anonymo assignava justamente ás columnas do norte, prova á ultima evidencia que elle, translocando-as, nem sequer reflectiu um momento se poderiam existir outras columnas que não fossem as de Gades. Consequentemente nem pelo espirito lhe passou se o dado itinerario estaria errado, ou deturpado, ou se o anonymo sonharia com um Œstrymnis e umas columnas no norte.

O que elle viu só e unicamente foi que as columnas fica-

---

[19] *Orbis descriptio,* v. 419:

Arva tenent (os Iberos) *duris nimium vicina Britannis.*

Este *nimium vicina* é da lavra d'Avieno. Diniz, de cujas affirmativas Avieno se afasta muita vez, não diz tal cousa. (Comp. *Dionysii Orbis descriptio,* v. 280-3).

vam no Estreito e no mesmo lugar o promontorio œstrymnico.

Cego por esta illusão, imagina-se o que vai ser para Avieno a descripção da viagem, sempre que lhe falla do verdadeiro Œstrymnis. O periplo com a sua exacta geographia torna-se para elle, pouco mais ou menos, o que se tornou para nós, depois d'estropeado pelas correcções e mutilações que foi obrigado a fazer-lhe, e cujo encadeamento fatal póde ser determinado *à priori*.

É claro que, deixando Avieno de considerar o dado itinerario de seis dias como a secção d'um itinerario unico, e desde que toma as columnas d'Hercules do Œstrymnis pelas do Estreito, em vez de

Das columnas (do Œstrymnis) ás ilhas Œstrymnides.....	6 dias.
Das columnas (do Œstrymnis) ao *arvi jugum*.....	1 »
Do *arvi jugum* á foz do Tartessus.....	5 »
	12 »

o roteiro fica sendo:

Das columnas (do Estreito) ás ilhas Œstrymnides.....	6 dias.
Das columnas ao *arvi jugum*.....	1 »
Do *arvi jugum* ás columnas do Estreito.....	5 »

Eram dous roteiros que se cruzavam e se baralhavam de um modo mais que absurdo.

Pelo primeiro, as columnas d'Hercules ficavam no Estreito de Gades, e a seis dias das ilhas, o que para elle devia ser perfeitamente correcto; pelo segundo, as columnas ficavam entre as Cassiterides e o *arvi jugum* e entre as columnas e as columnas mediavam seis dias de distancia!

A correcção que lhe vimos fazer a pag. 25, mudando segunda vez para o Estreito as columnas do Œstrymnis, diz-nos como elle tratou os imaginarios absurdos do *segundo* roteiro.

Decidiu de si para si que andava n'isto um lapso manifesto, uma evidente translocação de textos, e fez a emenda certamente sem a minima hesitação.

Como se vê, o sentido da terceira passagem, que podia ainda advogar a localisação do Œstrymnis no norte, passa-lhe completamente despercebido, sem sequer lhe despertar a suspeita se haveria errado o caminho.

O roteiro vai sendo desorganisado cada vez mais. A desastrada correcção implica outra, cuja importancia teremos occasião d'apreciar (vide nota 24), bastando mostrar por agora que o roteiro fica para elle reduzido a isto:

Das columnas do Estreito ás Œstrymnides.....	6 dias.
Das Œstrymnides ao *arvi jugum*.....	1 »
Do *arvi jugum* ás columnas do Estreito.....	5 »

O Œstrymnis no *sinus atlanticus* não encontrou pois até aqui a menor opposição. Mas, pensando onde localisal-o determinadamente, Avieno devia pôr os olhos no *Sacrum* de Diniz, cujas opiniões elle conhecia muito de perto [20], ou n'outro promontorio que elle imaginasse estar no caso de ser por um lado banhado pelas aguas do golfo atlantico, e de dar, por outro, começo ao golfo das Œstrymnides.

Aqui a quarta passagem havia de contrarial-o extremamente. N'esta passagem o promontorio œstrymnico, bojando para o septemtrião, limitando um golfo, onde ficavam as Cassiterides, tendo entre elle e o *sinus atlanticus* uma serie d'ilhas e de promontorios, devia destacar-se, mesmo para os mais cegos, não nas proximidades do golfo atlantico, mas em paragens inteiramente contrapostas.

Como traz Avieno para o «tepido sul» este promontorio do «aspero septemtrião»?

---

[20] Vid. nota 7, *in fine*.

D'um modo muito simples, crêmos nós, e sem sahir da interpretação dos textos do seu anonymo, vistos, já se entende, pelo prisma dos seus prejuizos.

Segundo o texto do anonymo, o Œstrymnis, bojando para o septemtrião, fica no lado d'Ophiusa, no limite do lado d'Ophiusa, é claro. Qual é o lado d'Ophiusa? Ophiusa — diz-lhe o seu documento — começa no angulo do golfo da Gasconha e estende-se para o poente. São as costas septemtrionaes da Hispanha. É o que Plinio, servindo-se quasi das mesmas palavras, chama *Hispaniæ latus* [21]. Qual é agora o limite d'Ophiusa ou das costas septemtrionaes de Hispanha? Para Plinio é o Olisiponense, ao qual corresponde o promontorio *** do anonymo, e que elle declara ser um promontorio d'Ophiusa. Este promontorio d'Ophiusa, no limite do lado d'Ophiusa, ou d'Œstrymnis, que vale o mesmo (v. 154), que outra cousa póde ser senão o promontorio Œstrymnis?

Estas coincidencias eram realmente para embair os mais sagazes; e o facto de Avieno acommodar no seu Œstrymnis a indicação de « *moles celsa saxei fastigii* quasi toda virada ao tepido sul », que o anonymo applicava ao Roca, i. e., a um promontorio que nenhumas relações directas ou indirectas tinha com o Œstrymnis real, para nós prova evidentemente que foi só d'este modo, e cingido á interpretação dos textos do roteiro, que elle chegou a esta estranha identificação — a não admittirmos que o poeta se pôz a desconchavar por sua conta e risco, o que seria um processo commodo para explicar tudo o que se quizesse.

Contra a localisação do Œstrymnis no Roca erguia-se porém um tropel de contradicções e de resistencias, que deviam aturdir o poeta. Este promontorio vinha agora a ter dous nomes, um d'Œstrymnis que elle lhe subentendia, outro de ***

---

[21] Vid. nota 7, citação de Plinio.

que lhe dava o roteiro. Do promontorio *** dizia o anonymo virar para o sul, em quanto que do Œstrymnis dizia o mesmo anonymo bojar para o septemtrião. O Œstrymnis vinha pois a ter dous nomes, e a ser ao mesmo tempo batido pelo *aspero septemtrião* e bafejado pelo *tepido sul.*

Mas havia cousa peor: era — que supposto nada mais claro do que indicar-lhe o roteiro o limite do lado d'Ophiusa para localisação do Œstrymnis, nada mais claro tambem do que mencionar-lhe entre o Œstrymnis e o «promontorio *** de Ophiusa» o *Veneris jugum,* duas ilhas, o *arvi jugum* e a ilha Pelagia, de sorte que, se n'uma parte collocava o Œstrymnis no «promontorio *** d'Ophiusa», n'outra collocava-o a mais de dous dias a *nascente* [22] do «promontorio *** d'Ophiusa», a *nascente* do *Veneris jugum.* Era como se houvesse dous promontorios œstrymnicos, e dous golfos œstrymnicos!

Não obstante estas formidaveis objecções, o Œstrymnis ficou sendo uma *moles saxei fastigii* etc., i. e., o Roca; e pelo expediente que lhe veremos tomar a final, é para nós indubitavel que foi aquella conclusão — a dualidade de geographias — que Avieno acabou por adoptar.

Entendeu certamente que n'este documento, que elle se matava por comprehender e harmonisar, havia, quer por culpa do redactor primitivo, quer por inepcia d'algum deturpador, havia, além dos lapsos grosseiros que elle já emendára no *arvi jugum,* o amalgama de duas concepções geographicas inconciliaveis. Uma d'ellas tomava o lado d'Ophiusa, todo o

---

[22] A *nascente,* segundo a sua concepção pliniana. Grypharemos as palavras *nascente, poente,* sempre que se trate d'esta falsa geographia.

lado d'Ophiusa [23], como base d'um triangulo, em cujo vertice, as ilhas Œstrymnides, se reunia a linha traçada pela viagem do Œstrymnis ás ilhas, e a que d'ahi descia ao angulo do golfo, o qual ficava comprehendido n'este triangulo; a outra construia o mesmo triangulo, não tomando por base todo o lado d'Ophiusa, mas sómente a parte que do angulo do golfo se estendia até um ponto dado ao *nascente* do *Veneris jugum*.

Com esta dualidade de geographias, e a persuasão d'haverem ellas sido baralhadas pela mão d'um compilador desasado, a dualidade de nomes e d'indicações locaes, accumuladas no Roca, são problemas de facil resolução para o poeta.

É ao promontorio que mais se aproxima do angulo do golfo que deve caber a caracteristica de bojar para o septemtrião. Este promontorio offerece-se com o nome de *arvi jugum* [24]—o que deve suggerir-lhe a idéa, aliás bem aceite, de que para um dos dous geographos o nome d'Œstrymnis é desconhecido.

É este mesmo geographo, para o qual o *arvi jugum* se

---

[23] Escusado advertir que Plinio, estendendo até o Roca as costas septemtrionaes da Hispanha, reduz a um só os dous lados que o roteiro dá a Ophiusa. O mesmo faz Avieno.

[24] Aqui o resultado, de que fallámos a pag. 30. Para localisação do equivalente do Œstrymnis o periplo indicava claramente um ponto a *nascente do Veneris jugum*, e não obstante Avieno vem fixal-o n'um ponto a *poente* d'aquelle promontorio, no *arvi jugum*. A explicação parece-nos facil, se nos lembramos que, em consequencia da emenda que elle fez no roteiro (pag. 25), o *arvi jugum* fica tomando o logar do verdadeiro Œstrymnis, não só como ultima estação itineraria da Hispanha, mas como ponto de ligação da via maritima entre a Hispanha e as Œstrymnides. De sorte que com a sua emenda elle do *arvi jugum*

torna um equivalente do Œstrymnis, que deve ter dado ao Œstrymnis-Roca o nome de * * *, e assim se resolve naturalmente a dualidade de nomes n'um promontorio só.

Ahi está uma das geographias bem determinada: o *sinus œstrymnicus* entre o angulo do golfo e o *arvi jugum*.

A outra tambem não é difficil de comprehender. N'esta o golfo estende-se até o limite do lado d'Ophiusa, até o Roca.

O Roca tem para este geographo o nome d'Œstrymnis, e a associação das duas indicações — de ser uma *moles saxei fastigii* quasi toda virada ao sul e de ficar no *sinus atlanticus* — associação que, repetimos, não póde ser um mero improviso do poeta, mas o resultado da errada comprehensão dos textos do seu anonymo — diz-nos qual foi a idéa que elle formou d'este promontorio. É o Roca, dando pela sua parte septemtrional começo ao golfo das Œstrymnides, — concepção que se encontrava com a sabia opinião de Plinio, — e estendendo-se pelo sul até um ponto dado, que já toca nas aguas do golfo atlantico. Segundo o texto do seu documento, este ponto devia ser o *Cyneticum jugum, Europœ extimum,* o *Sacrum* de Diniz, e ainda aqui poderia o poeta applaudir-se de

---

para as ilhas deixa já traçada, sem dar por isso, nem prever-lhe as consequencias, uma linha que com as costas da Gallia e as costas do norte d'Ophiusa fórma o triangulo que comprehende o *sinus œstrymnicus*. O *arvi jugum* deve pois apresentar-se-lhe agora reclamando contra qualquer outro promontorio o logar que lhe pertence, e os seus titulos não podem ser legitimamente contestados, desde que Avieno, acreditando na deturpação do seu documento, perdeu a confiança na infallibilidade dos seus textos. É mesmo muito possivel que no resultado imprevisto da sua correcção visse confirmada a necessidade d'ella e a justeza com que a fizera.

ter a seu lado um auctor, *testes non respuendus* (v. 332); mas, em virtude d'uma nova confusão, que examinaremos na secção do Cyneticum ao Ana [25], Avieno não sabe ao certo se o roteiro lhe põe o Sacrum no Cyneticum, se n'outra parte.

Nem lhe dá provavelmente muito cuidado a determinação exacta do limite sul do Œstrymnis. As suas combinações são mais hermeneuticas, que cartographicas. Para elle, i. e., para o seu geographo do Œstrymnis, este promontorio pelo norte dá começo ao golfo das Cassiterides, pelo sul toca no *sinus atlanticus;* isto basta ás exigencias da sua critica.

Senhor das duas geographias, que vai Avieno fazer com ellas?

Não se prevê que possa tomar senão um dos dous expedientes: ou refundil-as n'uma, ou adoptar uma e rejeitar a outra.

Avieno toma um terceiro expediente, á primeira vista audacioso: adopta-as ambas. A realisação d'este plano, que importa o mesmo que acommodar duas geographias contradictorias n'um roteiro que descreve uma unica região, parece absolutamente impraticavel, sem o poeta se emancipar das opiniões do anonymo, compromettendo assim a integridade d'este velho documento.

Nada d'isso, antes pelo contrario. A translocação do ponto de partida das columnas do norte para as do Estreito implicava, como se tem visto, dous roteiros, duas viagens, uma do Estreito para as Œstrymnides, outra inversamente, de sorte que o poeta nada mais faz do que seguir passo a passo o periplo, tal como o comprehendera, limitando-se a conciliar, como póde, as contradicções que elle só creára com a desorganisação dos seus textos. Assim na primeira viagem entra a

---

[25] Vid. pag. 55 e seguintes.

*

concepção geographica do pretendido auctor, a quem devia os nomes d'Œstrymnis. Na viagem das Œstrymnides para o Estreito, começa a outra geographia, que elle sabe muito bem ser contradictoria com a primeira.

Aqui principiam os productos da sua propria lavra. Bem que no *primeiro* roteiro o promontorio e o golfo œstrymnicos sejam esboçados com traços extremamente vagos, percebe-se ainda assim muito bem que são elles cousa muito differente do *arvi jugum* e do golfo que este promontorio limita. Ha-de Avieno na segunda viagem, chegando ao *arvi jugum,* dizer que é aqui que termina o *sinus œstrymnicus,* quando já disse atraz que o *sinus œstrymnicus* pegava com o promontorio œstrymnico? e chegando ao Roca, ha-de dar-lhe o nome de Œstrymnis, i. e., dizer que o *sinus œstrymnicus* se estende até aqui, quando ainda ha pouco declarou que o golfo œstrymnico ficava limitado pelo *arvi jugum,* que dista do Œstrymnis dous dias?

Mas Avieno, n'este *segundo* roteiro, chegando ao *sinus œstrymnicus,* chama-lhe *magnus sinus;* ao *arvi jugum* deixa-lhe este nome que não compromette nada; e chegando ao Œstrymnis-Roca, escreve simplesmente: *Ophiusœ in oras prominens.*

Tudo isto não é mais que transparente? Avieno, em face das duas suppostas opiniões geographicas sobre a localisação do golfo e do promontorio œstrymnico — pontos capitaes do roteiro — ignora qual a verdadeira, qual a falsa.

Não precisa grande sagacidade para prevêr que, optando por uma, ou refundindo as duas, se arrisca a navegar por mares desconhecidos, sem norte, nem piloto e a dizer absurdos descommunaes. Obrigado porém a tomar uma decisão e a fazer a descripção das costas occidentaes n'uma obra que tem de correr mundo com a sua assignatura, elle, que blasona de saber a fundo as sciencias geographicas, está na posição d'um prelector, que tendo de fallar dogmaticamente diante d'um au-

ditorio, onde póde haver quem visitasse uma região dada, que elle só conhece por duas relações contradictorias, uma das quaes é verdadeira, mas sem elle saber qual, recorre ao expediente de aproveitar o conteudo d'ambas, porém de sorte que as contradicções fiquem disfarçadas, e a sua exposição seja confusa e ambigua o necessario, para não deixar a descoberto a sua ignorancia e poder mesmo contentar, como é possivel, os partidarios de duas opiniões oppostas. No caso, em que se encontrava o poeta, a cousa unica que podia denunciar o seu artificio eram os nomes, só os nomes; mas, graças ao recurso de que lança mão, não se negará que elle alcançou o seu fim, e o seu plano, se não tem o merito da sinceridade, tem ao menos o da simplicidade, pois que todo o trabalho d'Avieno se reduz a pouco mais que á suppressão de dous nomes proprios e á sua substituição por duas denominações insignificantes.

Tal é, a nosso vêr, e *salvo meliori,* o modo por que Avieno tratou o periplo na parte da descripção das costas da Hispanha desde a Corunha até ao Cabo de S. Vicente.

Abstrahindo da probidade litteraria, que não é das mais immaculadas nos seus ultimos expedientes, e que tem por attenuante a impossibilidade de conciliar as contradicções que elle proprio originára, ha a agradecer-lhe o escrupulo voluntario ou forçado, de não adulterar o seu documento com informações d'outra fonte e de se adstringir unicamente aos seus textos.

Sendo assim, na *Ora maritima* temos os *disjecta membra* d'este velho auctor, e a reorganisação do seu roteiro, que consiste principalmente na restituição d'algumas estações ao logar primitivo, d'onde Avieno as deslocou, e na restituição d'algumas caracteristicas topographicas igualmente transloca-

das pelo poeta — tarefa que já dissemos atraz estar feita e acabada — deve dar-nos em resultado um roteiro, nem mais nem menos obscuro que todos os escriptos d'esta natureza, sempre enigmaticos em virtude do seu archaismo, do vago das suas indicações, etc. O que elle não deve offerecer é o caracter absurdo e disparatado, que por culpa do poeta tem attrahido a este famoso documento os desdens da critica menos reflectida.

É o que vamos verificar.

1.º Promontorio œstrymnico. Columnas d'Hercules.

Do promontorio œstrymnico diz o anonymo, segundo as nossas correcções, que fica no limite do lado septemtrional de Ophiusa, boja para o septemtrião, pouco dista das columnas do norte e dá começo ao golfo œstrymnico, o golfo da Gasconha.

Todas estas indicações quadram excellentemente ao Cabo d'Ortegal.

As columnas d'Hercules, « batidas pelo septemtrião », não podem ser outra cousa mais que o antiquissimo monumento, que Paulo Orosio conheceu, e cuja erecção desde épocas remotissimas não tinha outro fim senão o de guiar durante a noite o mareante, que das Cassiterides navegava para a Hispanha [26]. São tambem provavelmente as *Arœ Solis* de Ptolomeu.

---

[26] A « stella boreal » de Scymnus (Scymni, *Orb. Desc.*, v. 189), de certo a mesma a que se refere Tacito (*De more Germanorum*, XXXIV), era provavelmente um monumento identico ao da Corunha, um pharol, o que não póde causar estranheza a ninguem, sabendo-se que os phenicios commerciavam com o paiz do ambar. Estranha nos parece a opinião dos criticos, que querem vêr n'ella um monte.

A observação do anonymo:

> ..... duro perstrepunt
> Septemtrione, *sed loco certæ tenent,*

felizmente conservada por Avieno e ineptamente applicada a Calpe e Abyla, onde elle pretende encontrar estas columnas, vendo n'ellas agora ilhas, logo montes, é justamente adequada a uma obra d'arte, que pela sua denominação e o seu prestimo não póde deixar de ser phenicia.

Infere-se d'aqui com toda a certeza que o porto da Corunha, o Flavium Brigantium de Ptolomeu, era uma estação de primeira ordem, e uma estação forçada para os celebres exploradores das ilhas do estanho, e isto provavelmente quasi desde o principio das suas descobertas.

Mas accentuemos aqui um facto muito notavel e que veremos repetir-se n'outras partes d'um modo mais que estranho: o anonymo não diz uma palavra d'este famoso porto.

2.º Veneris jugum. Insulæ duæ.

> Procedit inde in gurgites Veneris jugum,
> Circumlatrat pontus insulas duas
> Tenue ob locorum inhospitas.

Já dissemos que estas ilhas só podem achar-se na costa occidental da Hispanha e a norte do *arvi jugum,* o qual veremos não deve ser procurado senão entre o rio Ave e o Minho (vide nota 30), de sorte que o campo das nossas buscas fica comprehendido entre o cabo de Corrobedo, a sul do qual começam a apparecer as ilhas do poente, e o cabo Sillero.

Mesmo sem aquella indicação era esta parte da costa que devia chamar exclusivamente a attenção dos investigadores, porque o texto não deixa duvida de que se trata de duas ilhas no sentido rigoroso da palavra, e, a não desgarrarmos muito para o sul, só aqui as podiamos encontrar.

O embaraço provém da escolha, pois que entre o Corrobedo e o Sillero não faltam ilhotas.

A singular concordancia que ha entre o anonymo e Ptolomeu, quanto ao numero de promontorios e ilhas do occidente da Hispanha [27], faz crêr que o *Veneris jugum* e as duas ilhas nada mais são que o «Orubium» e as «Deorum insulæ duæ» do geographo alexandrino. Infelizmente, Ptolomeu, não obstante os seus calculos mathematicos, e talvez por causa d'elles, trata tão desapiedadamente estas regiões, que o seu auxilio na determinação de qualquer posição se torna inteiramente inutil, ou quasi. Entre outros, é conhecido o seu erro de collocar as ilhas muito longe do continente, e no ponto que nos interessa não seria Ptolomeu que nos ajudaria a comprehender o anonymo, mas ás vessas.

Reduzidos ás indicações do roteiro, se attentarmos bem n'ellas, reconheceremos que em quanto elle nos diz aqui não ha sómente alguma cousa de vago, ha alguma cousa de superfluo. Com effeito a menção das duas pequenas ilhas, que parece não terem ainda para elle a mesma reputação de santidade que tinham mais tarde para os informadores de Ptolomeu, dir-se-hia um incidente superfluo, tanto mais que a

---

[27] O snr. F. de Rougemont, *L'âge du bronze*, pag. 122, notando a singular exactidão da carta da Irlanda de Ptolomeu — exactidão que contrasta vivamente com a ignorancia dos geographos que se lhe seguiram — assenta que as fontes de Ptolomeu para esta parte do seu trabalho são todas phenicias. O mesmo é possivel que succedesse com algumas localidades da costa da Hispanha, desconhecidas dos seus collegas. De resto Ptolomeu mesmo confessa o que deve a Marino de Tyro. Em vista d'isto, faz scismar como elle erra tão espantosamente a posição das Cassiterides.

sua superfluidade é accentuada pela observação de serem deshabitadas.

Mas precisamente esta inutilidade n'um documento que veremos ser d'um laconismo extremo é para despertar suspeitas, que serão logo corroboradas por factos de identica natureza.

Para nós é mais que provavel que a menção d'estas pequenas ilhas deshabitadas tem a utilidade muito real e muito calculada de, pela sua posição caracteristica ao pé do *Veneris jugum*, distinguir e destacar este promontorio, não permittindo confundil-o com outro.

N'este presupposto, só as ilhas á entrada da ria d'Aroza, defronte do Padron, e que Plinio, trazendo n'uma das suas descripções da Hispanha a mesma direcção que o anonymo, chama Corticata e Aunios, é que satisfazem todas as exigencias do roteiro [28].

O *Veneris jugum*, sagrado a Astarté, é então o Cabo de Corrobedo.

É tambem ahi que Sprunner (*Altas antiquus*, XVII) e outros, levados por differentes razões, collocam o Orubio de Ptolomeu.

A santidade que sempre se tem mantido n'estes logares, e a tenacidade de certas tradições, que na sua fórma relativamente moderna, ao passo que revelam o processo grosseiro da sua transformação, denunciam a profundidade das suas ve-

---

[28] E bastava satisfazer a uma, que é a principal. De nenhum dos promontorios a sul do Padron, e que pela visinhança das suas ilhas faria ainda hesitar na escolha, se podia dizer—*procedit in gurgites*—porque em relação á linha da costa e, o que mais importa, á derrota que traz o navegante, todos elles são reintrantes, e não salientes.

lhas raizes, não é o ultimo dos motivos que nos fórça a admittir esta identificação [29].

3.º **Arvi jugum.**

Para a localisação d'este promontorio estamos reduzidos a meras conjecturas, e todavia nenhuma estação deveria ser mais exactamente determinada que esta, graças á distancia, a que o anonymo diz que ella ficava do Cabo da Roca (v. 171-3), e aquella a que, pelas nossas supposições, devia ficar da Corunha.

Já sabemos porém que n'este documento um dia de navegação póde representar uma distancia variavel entre 500 a 1:000 stadios, ou mais. D'aqui se vê os serviços que podem prestar-nos as suas medidas itinerarias, quando seja necessario sahir d'um pouco mais ou menos.

Mas por isso mesmo occorre aqui uma pergunta: — para quem e para que podia prestar um roteiro, que pouco mais faz do que mencionar nomes taes como *Œstrymnis, Veneris jugum, arvi jugum,* e que, para auxiliar o navegante a localisar estas estações, apenas lhe dá medidas itinerarias em dias de navegação, podendo a navegação diaria variar entre 500 e 1:000 stadios?

Evidentemente, tal roteiro é absolutamente inutil, quer para a sciencia, quer para o commercio, pois que, se as medidas itinerarias de nada servem, claro é que de menos serve um qualquer nome local.

Notemos agora que ao pé do promontorio œstrymnico ficam

---

[29] N'este caso está a legenda de S. Thiago e da sua barca. Sabe-se que, no 4.º concilio de Latrão, o prelado de Toledo, e em face do de Compostella, pouco lhe faltou para declarar absurda esta legenda.

as columnas e aqui havia um porto, que o anonymo conhecia muito bem, supposto que o não nomeie; que junto do *Veneris jugum,* onde tambem ha um porto, egualmente omittido, são mencionadas duas ilhas inhabitadas, que, conforme presumimos, fazem reconhecer o promontorio que fórma com ellas um grupo caracteristico; já sabemos que o Roca e o Cabo de S. Vicente teem n'este documento distinctivos topographicos, que os tornam conhecidos por si mesmos, e poderemos acrescentar, por antecipação, que ao pé do Roca o anonymo nomeia logo a bahia do Tejo, ao pé do Cabo de S. Vicente a bahia de Lagos, sem esquecer entre o Roca e o S. Vicente o Cabo d'Espichel e a bahia do Sado, que lhe está proxima. Quer dizer: o anonymo conhece todos os portos aproveitaveis d'esta costa da Hispanha; ao pé de cada porto menciona sempre um promontorio, e a cada promontorio dá sempre uma caracteristica que o faz reconhecer.

O *arvi jugum* seria uma excepção?

A particularidade de elle bojar para o aspero septemtrião seria uma resposta negativa. Sabemos porém que esta indicação está aqui inteiramente deslocada, e é o resultado d'uma das alterações d'Avieno. Mas no nome mesmo de *arvi jugum* não se conterá a caracteristica que procuramos? *Arvi jugum* é o mesmo que «promontorio da campina» ou «monte do campo», e esta singela denominação poderia implicar uma circumstancia tanto ou mais propria para relevar um promontorio, que a associação das duas ilhas com o *Veneris jugum,* mórmente se na parte da costa, onde as medidas itinerarias querem que procuremos o *arvi jugum* [30], algum monte hou-

---

[30] Já vimos na nota 11 a pouca utilidade das medidas itinerarias do roteiro em consequencia da variabilidade d'ellas. Se tomas-

vesse, ao qual aquella denominação pudesse quadrar d'um modo frisante [31].

Acaso ou não, o monte *Dôr* (d'*Or?*) está n'estas condições.

Desde a foz do Lima á foz do rio Ancora, a costa boja d'um modo muito saliente, e esta região póde ser representada por um arco, cuja corda seja a dos montes que de Vianna a Ancora correm na direcção de norte-sul. A área, comprehendida n'este arco, é uma extensa campina formando hoje as freguezias d'Arioza, Carreço, Affife e parte d'Ancora. Ora no vertice d'este arco, e por uma especie de capricho da natureza, levanta-se o monte *Dôr*, cuja raiz o mar lava pelo poente, sendo por todos os outros lados rodeado de ferteis campinas.

É realmente um *arvi jugum*, e sobretudo destaca-se vivamente no horisonte para todo o navegante, quer venha do norte, quer do sul [32].

---

semos aqui por metro a distancia do *Cyneticum jugum* ao Roca — o *maximum* da navegação diaria na costa do poente, conforme se infere do mesmo roteiro — dous dias de navegação, a contar do Roca para o norte, vinham parar no monte de Santa Tecla, na margem direita do rio Minho. Alongar esta medida seria aproximar muito duas estações, a de *Veneris jugum* e a do *arvi jugum*, e esta razão é bastante para a encurtar. Isso mesmo nos aconselharia Ptolomeu, se o seu *Avarum promontorium*, que elle põe a norte do rio Ave, é o mesmo que o *arvi jugum* do anonymo, como parece. Não é pois sem fundamento que procuramos o *arvi jugum* entre o Ave e o Minho.

[31] O snr. Karl Müllenhoff tornaria impossivel a nossa explicação com a sua lição *Aryi jugum;* mas esta lição é gratuita; pelo menos nenhuma razão vemos no seu livro que possa justifical-a.

[32] O monte mais saliente devia tornar-se em certos tempos, porque foi séde d'uma povoação, como o mostram ainda hoje os vestigios das suas muralhas e os fragmentos de ceramica antiga que por lá

Certamente esta coincidencia, aliás notavel, não basta para uma identificação segura. Sem embargo d'isso não podemos deixar de acrescentar que, se a menção d'um promontorio implica n'este documento a visinhança d'um porto, como parece certo, a localisação do *arvi jugum* no Dôr teria ainda por si a proximidade da foz do Lima, o melhor senão o unico porto da costa, onde os dados itinerarios do roteiro, combinados com os de Ptolomeu, não aconselham a procural-o.

Um dos antigos nomes do Lima, Belion [33], cuja raiz póde bem ser a mesma que a do rio Belus da Phenicia [34], dir-se-hia um testemunho escapado aos antigos, para nos certificar de que os phenicios frequentaram este porto, e é muito possivel que a sinistra fama que teve o Lima na remota antiguidade lhe não provenha senão das tradições, que n'elle deixou a tenebrosa religião dos cananeus [35].

---

abundam. E que estas regiões foram povoadas desde épocas muito remotas attesta-o o valle d'Ancora com as suas ruinas d'um caracter pre-romano e os seus dolmens.

[33] Strabon, III, III, 4.

[34] Plin., *H. N.*, V, 17.

[35] A explicação que nos transmitte Strabon (III, III, 5) da causa, por que o Lima mereceu o appellido de rio Lethes, é pouco aceitavel. Segundo a legenda recolhida pelos informadores d'este geographo, os celticos do Ana, de parceria com os turdulos, fizeram uma incursão para o norte. Passado o Lima, os dous bandos desavieram-se e destroçaram-se, morrendo n'esta refrega o chefe da expedição. E porque os sobreviventes a esta batalha se dispersaram pela margem do rio, d'aqui a denominação do rio do Lethes. É difficil de perceber o que tudo isto e o mais que se imagine possa ter com o esquecimento, muito mais sabendo-se que parte d'estas hordas se estabeleceram pelas immediações do Nerio (Strabon, ibidem). N'essas edades, uma carnificina na margem dos rios, devia ser um acontecimento vulgarissimo para poder celebrisal-os com nomes de mau agouro. É mais racional suppôr que se deu

4.º Pelagia insula.

..... post Pelagia est insula
Herbarum abundans atque Saturno sacra. (V. 164-5).

A localisação d'esta ilha ou peninsula, porque o nome póde aqui significar uma cousa ou outra, é impossivel de fixar pela simples razão de que, se ella existiu no tempo do anonymo, de que não temos motivos para duvidar, com certeza não existe hoje.

Se assim não fosse, os esclarecimentos do roteiro são taes, que para dar com ella não seria necessario grande trabalho, porque:

Sed vis in illa tanta naturalis est,
Ut siquis hanc innavigando accesserit
Mox excitetur propter insulam mare,
Quatiatur ipsa et omne subsiliat solum
Alte intremiscens, cetera ad stagni vicem
Pelago silente..... (V. 166-71).

Evidentemente, nas nossas costas, não ha ilha ou peninsula, a que possa referir-se esta pintura.

---

com estes barbaros o mesmo facto, que com pequena differença se conta mais tarde dos soldados de Bruto; não é a desavença e mortandade dos celto-turdulos que explica o nome do rio infernal posto ao Lima; é ás vessas a reputação de rio infernal, que elle já tinha, que explica a discordia dos alliados e as suas funestas consequencias.

O roteiro dá-nos na costa do sul uma «*inferna dea*» (a *Lucifera dea* d'outros geographos posteriores), perto de cujo templo fica a «*Erebea palus*» (v. 241-4). Não é impossivel que o Lima tambem tivesse a sua «Erebea palus» e a sua «inferna dea». Nas ruinas d'uma povoação de origem pre-romana, que sobranceia a actual Vianna, existe ainda hoje uma capella, onde se venera Santa Luzia, que póde bem ser a transformação d'uma *Lucifera dea*.

Onde ficava ella?

Entre o Cabo da Roca e *arvi jugum*.

É a Londobris de Ptolomeu? Esta ficava egualmente entre o Roca e o Avarum, e mais determinadamente entre o Mondego e o Vouga. Quanto á distancia a que o geographo a põe do continente, sabemos o que vale a sua opinião.

A ilha Pelagia, em virtude mesmo da sua constituição, tal como a entrevemos na pintura d'Avieno, não podia ficar no alto mar, mas na proximidade da costa, e a circumstancia de ella ser abundante de pastos — *herbarum abundans* — circumscreve a sua posição a uma parte da costa, naturalmente alagadiça, o que nos forçaria quasi a aproximal-a do Vouga, collocando-a perto, senão na ria mesmo d'Aveiro.

É realmente aqui que uma ilha, nas condições da Pelagia, poderia ter existido outr'ora e haver hoje desapparecido, pois que esta região baixa e aliás notavel pelo seu celebre *moliço* e pela excellencia dos seus pastos, tem soffrido sensivel alteração no seu contorno maritimo, e o problema reduzir-se-hia a saber se a velha ilha ou peninsula foi tragada pelo mar, se está hoje (o que nos parece mais provavel) encravada no continente com a invasão das arêas.

O que ainda reforçaria a probabilidade d'esta localisação é que a Pelagia insula, que de certo de nada podia prestar para um mercador, parece fazer aqui o mesmo officio, que nas outras partes os promontorios: indicar a visinhança d'um porto; e é muito pouco de crêr que o anonymo, que conhece todos os portos uteis da nossa costa, deixasse de frequentar o de Aveiro, e iamos dizer d'explorar os indigenas das terras circumvisinhas [36].

---

[36] Ao snr. Pinho Leal, que tão bem conhece estas paragens e as tradições que lhes dizem respeito, tenho a agradecer aqui o vivo inte-

5.º **Ophiusæ in oras prominens.**

> ..... prominens surgit dehinc
> Ophiusæ in oras, atque ab usque arvi jugo
> In hæc locorum bidui cursus patet. (V. 171-3).

A este promontorio já dissemos que o anonymo juntava a seguinte indicação:

> Molesque celsa saxei fastigii
> Tota in tepentem maxime vergit Notum

que Avieno translocou para o seu Œstrymnis, supprimindo tambem o nome proprio que o anonymo dava ao Roca, e que devia ser o equivalente de Lunæ, de Ptolomeu (Veneris; Astarté).

Que o *Ophiusæ in oras prominens* é o Cabo da Roca, se o não provassem a fiel pintura que d'elle faz o roteiro e as suas indicações itinerarias, provava-o a seguinte passagem.

6.º **Um golfo.**

> Atque qui dehiscit inde prolixus sinus
> Non totus uno facile navigabilis
> Vento recedit; namque medium accesseris
> Zephyro vehente, reliqua deposcunt Notum. (V. 174-8).

O navio que trazendo o rumo do nosso roteiro dobra o Cabo da Roca e, para seguir um golfo, que como que vai recuan-

---

resse com que se empenhou na investigação de quanto podia auxiliar a localisação mais determinada da encantada ilha. A conclusão do illustre antiquario foi que, attentas as revoluções por que tem passado aquella região, era impossivel chegar-se a um resultado positivo.

do (recedit) diante d'elle, precisa de vento léste para andar metade da distancia, e de vento sul para andar a outra metade, está no fundo da bahia do Tejo.

As seguintes indicações acabam a demonstração:

> Et rursus inde si petat quisquam pede
> Tartessiorum litus, exsuperet viam
> Vix luce quarta..... (V. 178-80).

Uma estrada que da bahia do Tejo leva á praia dos tartessios, foz do Ana, póde vêr-se em Sprunner (*Atlas antiquus*, XVII), d'Equabona a Esuris [37].

8.º **Cepressicum jugum.**

> ..... tum Cepressicum
> Jugum intumescit. (V. 182-3).

É o Cabo d'Espichel. A sequencia da descripção vai proval-o.

9.º **Insula Achale.**

> ..... subjacet porro insula
> Achale vocata ab incolis. (V. 183-4).

A ilha chamada pelos naturaes Achale, fica, como se vê por baixo do promontorio Cepressico (Cempsico, segundo al-

---

[37] Se da bahia do Tejo em quatro dias se chegava á praia dos tartessios, em cinco, pelos v. 180-2, chegar-se-hia a Malaca—o que é impossivel. Mas, segundo a observação do snr. Müllenhoff (pag. 102), estes cinco dias hão-de contar-se a começar da praia dos tartessios e não da bahia do Tejo, tendo Avieno comprehendido mal o pensamento do auctor do roteiro.

guns interpretes). Para determinarmos melhor a sua posição, precisamos de aproximar e estudar o seguinte texto, que vem depois d'uma digressão ethnographica, á primeira vista deslocada:

> Pætanion autem est insula ad Zephyrum latens
> Patulusque portus..... (V. 199-200).

Esta ilha Pætanion, graças ao largo porto que lhe fica á beira e que só póde ser o porto de Setubal, pois que entre o Tejo e o S. Vicente escusado seria procurar outro n'estas condições, está necessariamente identificada com a peninsula [38], onde hoje se vêem as ruinas de Troia. A ilha Achale, que fica por baixo do primeiro promontorio que se encontra a partir da bahia do Tejo para o sul, não póde deixar de ser ainda a mesma peninsula, o que aliás o insinúa o theor mesmo das duas noticias.

É que a ilha tinha dous nomes, um d'Achale, dado pelos naturaes, outro de Pætanion, que lhe dava um estrangeiro?

Este caso seria unico no nosso documento; e o snr. Karl

---

[38] É muito digna de attenção a seguinte noticia que devo ao obsequio do snr. Filippe Nery Delgado:

« Ao NO. da Comporta, uns quatro kilometros, segundo mostra a folha respectiva da nossa carta chorographica, existe uma grande depressão na parte mais estreita da lingueta d'arêas (cabedello), por onde, diz a tradição (e não é impossivel, antes provavel que assim succedesse), o Sado communicava com o oceano. Effectivamente a cota do areal n'esse ponto é de 3^m, em quanto que sobe para um e outro lado, a curtas distancias, a 23^m e a 27^m. Assim é muito natural que o areal de Troia, em tempos não muito distantes, formasse uma ilha na verdadeira accepção da palavra, porque nada leva a crêr que então o cabedello ligasse á margem do norte ».

Müllenhoff suppõe com boas razões que no texto primitivo (e porque não no texto mesmo d'Avieno?) em vez d'um nome local existiria um ethnico no genitivo do plural, de modo que se não fallava aqui da ilha Pætanion, mas dos Pætanios, dos *incolæ,* aos quaes pertencia a ilha Achale [39].

A passagem que nos occupa contém porém outras difficuldades, que só podem ser aclaradas pela critica das correcções que lhe fizeram os censores.

Os manuscriptos tinham:

> Pætanion autem est insula ad se *fumum latet*
> Patulusque portus.....

Assentaram os criticos que *se fumum* era uma palavra só, e uns emendaram *Zephyrum,* outros *Sefumum,* vendo um promontorio n'este ultimo nome, e como *latet* formava com *est* uma construcção mais que barbara, mudou-se aquelle verbo para o seu participio *latens.*

A primeira lição é absurda. Se a ilha ficava escondida ao poente (*ad Zephyrum latens*), ficaria de tal sorte distanciada da costa, que não se podia vislumbrar d'ella, pois que não se imagina que outra cousa possa esconder uma ilha no alto mar, a não ser a sua propria distancia d'um ponto dado.

N'este caso não podia dizer-se logo em seguida:

> ..... inde Cempsis adjacent
> Populi Cynetum..... (v. 200-1)

---

[39] Karl Müllenhoff, obr. cit., pag. 105. O abalisado sabio pretende derivar este nome d'uma palavra phenicia (ibidem), mas um ethnico phenicio seria um caso inteiramente anormal no nosso roteiro. É temerario de mais aproximar Pætanios de Vetones?

porque os cynetos no nosso documento occupam o actual Algarve, tendo os cempses ao norte, e ninguem se lembraria de dizer d'uma ilha perdida no alto mar que era o limite dos povos do continente. A ilha não só não dista da costa, mas ha-de mesmo pegar com ella.

A licção *ad Sefumum* não é menos insustentavel. A linha divisoria dos cempses e dos cynetos é o *patulus portus* (v. 200) e n'este *patulus portus* é impossivel deixar de reconhecer a bahia do Sado. Ora entre a bahia do Sado e a do Tejo só ha logar para um unico promontorio nas condições do nosso — o Cepressico já nomeado. Se pois em *se fumum* se hade vêr o nome deturpado d'um promontorio, este nome seria então a repetição do Cepressico ou Cempsico.

Mas a licção:

> Pætanion autem est insula ad Cempsicum latens
> Patulusque portus.....

tambem não é aceitavel.

Que se diga da bahia do Sado (*patulus portus*) que fica escondida, *est latens,* diz-se o que é exacto e verdadeiro; mas o *patulus portus* fica escondido, por isso que a ilha Achale, a peninsula de Troia, se interpõe entre elle e o observador. Ahi temos pois a ilha em face do navegante, e, por mais que se excogite, não se imagina que alguem pudesse dizer d'ella *est latens.*

A unica cousa que além da bahia podia ficar escondida atraz da ilha era o rio Sado, e lembrando a lição do manuscripto:

> Pætanion autem est insula ad se *fumum latet*
> Patulusque portus.....

occorre logo se por effeito d'uma calligraphia, que não preci-

sava de ser muito emmaranhada, o texto teria *flumen* onde os censores leram *fumum*.

Esta conjectura é tanto mais tentadora, que a correcção do presente *latet* pelo participio *latens*, que seria necessario desfazer agora, foi uma correcção forçada, que a letra do manuscripto, como vimos, não auctorisava.

A restauração do texto viciado seria então:

Pætanion (ou Pætanum) autem est insula, ad se flumen latet
Patulusque portus.....

Eminentes latinistas, que consultamos, rejeitam esta licção, unicamente por não quererem na phrase *ad se* admittir o pronome *se* com funcção de relativo. A verdade porém é que, abstrahindo d'esta objecção grammatical, a restituição do texto, como a sua critica nol-a impõe, não sómente não faz á letra do manuscripto a violencia que lhe fazem todas as outras, mas dá á pintura d'esta região um relevo e uma exactidão que mal póde attribuir-se a um mero acaso:

«Por baixo do promontorio Cepressico fica uma ilha que os naturaes chamam Achale...

«A ilha pertence pois aos Pætanios; junto d'ella fica escondido um rio e um largo porto».

Seja como fôr, que o promontorio Cepressico é o Cabo de Espichel, a ilha Achale uma e a mesma cousa que a ilha dos Pætanios, e esta ilha a lingueta de terra onde se encontram hoje as ruinas de Troia, é o que pensamos não poder ser posto em duvida por ninguem.

E, se não erramos, é ás turfeiras da bahia do Sado, que nos tempos antigos exigiriam as côres carregadas d'uma pintura, que hoje nos parece exagerada, que se referem os seguintes versos:

..... ægre est fides
Narrationi pre rei miraculo;

Sed quam frequens auctoritas sat fulciat.
Aiunt in hujus insulæ confiniis
Nunquam esse formam gurgiti reliquo parem
(Splendorem ubique quippe inesse fluctibus
Vitri ad nitorem, et per profundum marmoris
Cyaneam in undis esse certum imaginem est)
Confundi at illic æquor immundo a luto
Memorant vetusti; semper atque sordibus
Ut fæculentos gurgites hærescere. (V. 184-94) [40].

10.º **Cyneticum jugum.**

..... tum Cyneticum jugum,
Qua sideralis lucis inclinatio est,
Alte tumescens ditis Europæ extimum,
In belluosi vergit Oceani salum. (V. 201-4).

Ninguem contesta que seja o Cabo de S. Vicente.

---

[40] São ainda do snr. Nery Delgado as seguintes informações:

«Muitos dos nossos rios teem na região inferior do seu leito maior um deposito lodoso, que é immediatamente subjacente ás arêas soltas do litoral e geologicamente anterior ás alluviões que no seu regimen actual esses rios transportam. Em muitos pontos esse deposito está acima do nivel das aguas (campos e marinhas da Murraceira, em frente da Figueira), mas nas margens está occulto, descobrindo só na maré baixa (como se observa á entrada da Figueira), e mostrando um aspecto pouco agradavel e exhalando mau cheiro, pela decomposição da materia organica que encerra e animaes que alli viveram. É a este deposito lodoso que está subordinada a turfa que, segundo o snr. Carlos Ribeiro me informou, apparece em muitos pontos da bacia do Sado, nomeadamente nas margens do Juncal, que vem desaguar n'este rio passando na Comporta, e tambem na parte descoberta na maré baixa entre a Comporta e o monte da Carrasqueira, em frente de Setubal. A maior parte dos lodos anegrados, que ficam a descoberto na maré vazia, e que estão indicados na carta chorographica pela convenção respectiva, diz o nosso amigo, poderiam chamar-se turfa impura».

Do Cabo de S. Vicente ao Ana reapparece uma confusão, analoga á que nos obscurecia a descripção das costas do poente, e que, como vemos, se dissipou com a pequena restauração que fizemos.

Eis a nova embrulhada. Do *Cyneticum jugum* Avieno salta ao rio Ana, que desagúa n'um golfo, onde se encontram duas ilhas; segue-se a *Cautes Sacra* que deveria ficar ao nascente do rio, mas que lhe fica a poente, pois que ella nada mais é para Avieno que o *Cyneticum* mesmo, visto que entre a *Cautes Sacra* e o Ana se marca um dia de navegação.

E, sempre que Avieno falla dos rios Ana e Tartessus, o absurdo é certo. No v. 223 o Ana é o limite dos cynetos e dos tartessios, mas nos v. seguintes o Tartessus, que aliás dista do Ana um dia, lava o paiz dos... cynetos. Ao Ana segue immediatamente a descripção da costa entre este rio e o Tartessus; mas chegando á foz do Tartessus, Avieno diz-nos que do «rio atraz mencionado» até estes logares ha um dia de navegação. Ora «o rio atraz mencionado» é o Tartessus, de sorte que de Tartessus ao Tartessus haveria um dia de viagem.

Toda esta confusão desapparece com um traço de penna, se continuamos a ter no anonymo a confiança, de que elle tão digno se tem mostrado até aqui.

É impossivel que elle escrevesse:

..... tum Cyneticum jugum
.....
Ana amnis *illic* per Cynetes effluit
Sulcatque glebam. (V. 205-6).

Este rio, que o anonymo diz correr não longe do Cabo de S. Vicente e atravessar a terra dos cynetos, nada póde ter de commum com o Ana, que tanto *adluit* a terra dos tartessios, como a dos cynetos e não corre por entre estes.

Nos v. 223-5, fallando do rio Tartessus, que *adluit* o paiz

dos cynetos, o anonymo escrevia Ana, e não Tartessus, e é fazendo esta substituição que se torna justa a nota dos v. 266-7, marcando a contagem d'um dia de viagem entre o Guadiana e o Gualdaquivir.

Em summa, o roteiro mencionava tres rios, o primeiro talvez sem nome determinado, e Avieno, tomando este rio anonymo pelo Ana, baralhou toda esta parte da descripção, como já tinha baralhada a outra.

O que nos intima esta convicção é que basta fazer a simples correcção, que indicamos, para o roteiro continuar a ser perfeitamente comprehensivel.

1.º **Cyneticum jugum.**
2.º **Rio ***.**

> ..... amnis * * * illic per Cynetes effluit
> Sulcatque glebam.

Este rio, atravessando o territorio dos cynetos, não longe do Cabo de S. Vicente, vem desaguar n'um golfo que se abre n'uma curva da costa, virada ao meio-dia;

> ..... panditur rursus sinus
> Cavusque cespes per meridiem patet (V. 206-7).

O rio *** separa-se em dous braços que rompem as aguas lodosas do golfo:

> Memorato ab * * * gemina sesse flumina
> Scindunt repente, perque predicti sinus
> Crassum liquorum (quippe pinguescit luto
> Omne hic profundum) trudunt agmina. (V. 208-11).

Trata-se sem duvida alguma da curva da costa (cavus cespes) entre a Ponta da Piedade e o cabo do Carvoeiro.

O rio *** é o Alvor [41]; o *sinus* a bahia de Lagos. N'esta bahia ficavam duas ilhas:

Hic insularum semet alte subrigit
Vertex duarum; nominis minor indiga est,
Aliam vocavit mox tenax Agonida. (V. 212-14).

---

[41] As seguintes noticias, que devemos á inexgotavel bondade do snr. Nery Delgado, completam e esclarecem a nossa interpretação:

« O rio que vem desaguar na bahia de Lagos e que bruscamente se separa em dous braços, não me parece que seja o Odelouca, mas sim o rio d'Alvôr, cujo ramo occidental tem na localidade o nome de *Valle da Lama*. Dos cadernos d'apontamentos de viagem do nosso amigo (o snr. Carlos Ribeiro) tomei os seguintes apontamentos, que me parecem da maior importancia com relação ao assumpto.

« Na bahia de Lagos, entre a margem esquerda da ribeira de Bensafrim e a costa, ha um extenso campo lodoso ou sapal (as Marismas) com mais de 30 hectares de superficie, coberto de vegetação marina, e que a maré cobre no fluxo das aguas vivas. O que porém é muito mais consideravel é a parte inferior do Valle da Lama, que vem juntar-se ao rio d'Alvôr, do qual fórma um braço; a maré cobre até 1m d'altura um espaço talvez superior a 200 hectares, espaço que tambem podia ser conquistado ao oceano por meio d'obras d'arte.

« Proximo da foz do rio d'Alvôr, na margem direita, no sitio a que chamam « Ponta d'Arêa », descobre-se uma serie de camadas d'argilla lodosa escura ou anegrada encerrando numerosas especies de molluscos pela maior parte ou todos identicos ás especies que actualmente ahi vivem, e contendo tambem caules de plantas fossilisadas, como as lenhites. Segundo informação dos barqueiros d'Alvôr, estas camadas não apparecem em nenhuma outra parte. É porém immensamente provavel que ellas occupem todo o largo Valle da Lama.

« É á natureza lodosa do fundo do rio d'Alvôr que se deve o canal de 2 a 3 braças d'agua, que o rio tem cortado junto á margem direita, em quanto que na margem fronteira é muito mais baixo e ha um pontal ou cabedello d'arêas.

A ilha Agonida parece ser a peninsula, onde mais tarde encontramos o Portus Anibalis, hoje Portimão, a ilha anonyma, a peninsula que lhe fica a poente.

Que tudo isto ha-de ser procurado a poente do Cabo de Santa Maria prova-o exuberantemente a continuação do roteiro.

3.° **Cautes Sacra.**

> Inhorret *inde* rupibus Cautes Sacra
> Saturni et ipsa. (V. 215-6).

É innegavelmente o Cabo de Santa Maria. A pintura seguinte é ainda hoje uma photographia:

> ..... fervet illisum mare
> Litusque late saxeum distenditur. (V. 216-7).

4.° **O Ana.**

> Hinc dictum ad amnem solis unius via est,
> Genti et Cynetum hic terminus. (V. 222-3).

Hinc, da *Cautes Sacra.* É manifesto que Avieno confundiu aqui a Cyneticum com o *Cautes Sacra;* é d'aquelle e não d'este promontorio que se póde gastar um dia de navegação

---

« Assim vê-se confirmada aqui em Alvôr, com a restricção que acima apontei, a descripção do poeta, de um rio formado de dous braços, lançando-se nas *aguas lodosas* (melhor diria antes *aguas cobrindo lodos*) do golfo ».

para o Ana [42]; mas *hinc* e *hic* indicam um e o mesmo logar e pelo v. 223 este logar é o Ana — *genti et Cynetum terminus*. Vê-se que o poeta não tem consciencia do que escreve. A redacção mesma d'estes dous versos dá porém a entender que o roteiro, depois da *Cautes Sacra,* nomeava o Ana, e dizia em seguida que d'este rio ao rio atraz mencionado (o Alvôr) havia um dia de distancia.

Escusamos, nos parece, de desperdiçar palavras a pôr em relevo como do exame da *Ora maritima,* depois das ligeiras restituições, que propozemos, se evidenceia a reproducção do roteiro d'um navegador, que viu por si mesmo os logares que descreve.

As obscuridades d'este documento provêem principalmente do seu extraordinario laconismo, laconismo que para nós é mais que muito suspeito, como explicaremos adiante.

---

[42] Como se vê agora claramente, Avieno anda aqui de todo desnorteado. Pondo o Cyneticum jugum ao pé do Ana, o Cynetico vinha a distar do Roca, não um dia, como de certo lhe dizia expressamente o roteiro, mas dous. As posições do Cynetico e da Cautes Sacra ficavam tambem invertidas; esta passava para poente e tomava o logar d'aquelle, pois que distava do Ana um dia. Assim como poder precisar o limite sul do Œstrymnis? É o Cynetico? Fica ao pé do Ana? Ao pé do Ana põe elle tambem as Columnas (v. 562-4), quando toma o Ana pelo Tartessus, de sorte que de erro em erro o Cynetico, como limite sul do Œstrymnis, vem a ficar no mesmo logar que as columnas, no Tartesso, e a 6 dias das ilhas Œstrymnides; mas tudo isto é tão cahotico, que é de presumir que o poeta seja aqui joguete de novos erros, alguns dos quaes justifiquem a seus olhos os erros anteriores, e não inventor de combinações com que pretendesse enganar-se a si proprio. Que elle, mesmo n'estes apertos, se não esqueceu do plano de salvar

Mas o que importa principalmente reconhecer é que o caracter absurdo e disparatado, que pela má interpretação que Avieno deu ao original, cercou este escripto d'uma triste celebridade, desappareceu completamente.

O que encontramos é uma ordem rigorosa na descripção, e uma precisão e uma verdade notaveis na pintura d'um promontorio, ou d'um golfo.

Como pensar n'um geographo que escreve dentro das quatro paredes do sêu gabinete, ou n'um compilador que compoz uma obra de retalhos!

E, se nos lembramos que tudo isto passou pela traducção d'Avieno, e que, não obstante, estas pequenas paizagens conservam a viveza e naturalidade do colorido, temos de perdoar ao poeta todos os seus defeitos, e de agradecer-lhe não só a exclusão de qualquer noticia estranha ao anonymo, mas a fidelidade com que soube quasi sempre reproduzir-nos o seu pensamento.

Não se admire em vista d'isto que tenhamos no velho roteiro uma cega confiança e que estejamos sempre a seu lado, mesmo, e principalmente contra os seus admiradores, quando,

---

os seus creditos de sabio, parece-nos certo. O dado itinerario do Roca ao Cynetico é amputado, não só pela impossibilidade de localisar este promontorio, mas principalmente pela conveniencia já sabida de deixar no vago esta incommoda parte do Œstrymnis, visinha das columnas. O dado geral de 6 dias pela mesma razão deve desapparecer, tanto mais que a contagem de 5 dias do *arvi jugum* ás columnas o substitue em parte. Não viu elle que esta suppressão implicava uma lacuna no itinerario, a da distancia entre as Œstrymnides e a Hispanha? Mas, se todo o seu empenho é tornar ambiguo o Œstrymnis, de sorte que elle seja o *arvi jugum* e o *Roca*, á escolha, imagina-se se preencheria esta lacuna, que o obrigava a nomear o promontorio com todas as letras, e portanto a optar por um d'elles.

o sentido obvio d'esta passagem, repetimos, parece-nos não poder ser outro senão — que para estes logares, as Œstrymnides, se tinham refugiado aquelles ligures, que os celtas haviam expulsado das geladas regiões do norte [44].

O anonymo deixa as ilhas Œstrymnicas e volta para o sul, atravessando de novo o golfo da Gasconha. As costas da Gallia, que formam um dos lados d'este golfo, não lhe merecem uma unica palavra.

O primeiro paiz que elle nomeia, depois das Œstrymnides, é Ophiusa, e ainda assim um dos lados d'Ophiusa, as costas

---

um navio phenicio percorria em dous dias entre as Œstrymnides e Hierne. A ilha dos Albiões, *propinqua* das Œstrymnides, ficava sem duvida separada d'estas pelo actual canal de Bristol. (Comp. Smith. *The Cassiterides*, pag. 53, e *passim*).

[44] Não é esta a interpretação que geralmente se dá a esta passagem, que os commentadores, a nosso juizo, obscurecem, baralhando-a com a de v. 196-8, quando ellas nada teem de commum, pois que uma falla dos ligures das Œstrymnides, outra dos ligures d'Ophiusa (vid. not. 46). A questão, simplificada d'este modo, reduz-se a saber se na phrase — *Venere in ista* — o pronome *ista* se refere ás Œstrymnides, se a outros logares. Mas a que logares? Não podemos acreditar que o roteiro, que nos descreve unicamente a viagem entre Tartessus e Hierne, e que parece contar as palavras, mesmo quando escreve dos paizes em que toca e dos povos que os occupam, chegando ás Œstrymnides, nos diga que n'uma certa parte do norte tinham vivido uns certos ligures, os quaes actualmente habitavam os logares... que habitavam. Seria um rematado desconchavo, de que este documento nos não dá exemplo. Por outro lado, se o auctor do roteiro, estando nas Œstrymnides, como está, e julgando conveniente contar uma noticia, relativa a certos povos liguricos que as habitavam, quizesse dizer que estes povos, depois de expulsos do norte, se haviam refugiado n'estes logares, nas Œstrymnides, é difficil de imaginar que elle pudesse servir-se d'outra phrase, a não ser — *Venere in ista*. Referindo-se a logares remotos, deveria empregar outro demonstrativo.

septemtrionaes da Hispanha, são tratadas como um incidente indirectamente ligado ao roteiro.

A começar da Corunha e até á foz do Tartesso, a descripção entra a ser minuciosa; mas, ao chegar ao limite dos cempses e dos cynetos, o anonymo interrompe a descripção e escreve:

> Cempsi atque Sæfes arduos colles habent
> *Ophiusæ in agro; propter hos* pernix Ligus
> Draganumque proles sub nivoso maxime
> Septemtrione collocaverant larem. (V. 195-8).

Para nós é intuitivo que o roteiro, chegando ao limite de Ophiusa (na Hispanha), e antes de entrar n'uma nova região, a dos cynetos, nos menciona, segundo o seu costume, os povos da região que acabou de visitar e descrever, e que é só e unicamente Ophiusa.

É pois só e unicamente em Ophiusa (na Hispanha) que havemos de collocar:

1.º Os cempses e sæfes, aquelles separados dos cynetos por uma linha que do sul da bahia do Sado se tire para nascente. Estes povos habitam as asperas montanhas do paiz, sem por isso devermos inferir que deixassem as planicies ao abandono [45].

---

[45] Além d'Avieno, só Diniz periegeta conhece estes cempses, estendendo-os até á raiz dos Pyreneos (obr. cit., v. 338), suppondo alguns criticos que ambos os auctores beberam na mesma fonte. Seria então mais justo dizer que no poema d'Avieno se contém o documento que serviu ás noticias de Diniz. N'este caso não é a auctoridade d'este que póde prevalecer sobre a d'aquelle. Os cempses que visinham com os cynetos, a partir da bahia do Sado, occupam parte da Lusitania, e os «arduos colles» não podem fazer lembrar, nem de longe, os

2.º Os ligures e draganes. Estes povos habitam o nivoso septemtrião. Occupam portanto a parte septemtrional d'Ophiusa, mas devem estender-se desde o mar cantabrico até uma linha do sul, que os separe dos cempses e sæfes, com os quaes elles visinham (*propter hos*) — linha que não é possivel precisar, em vista do vago das indicações do anonymo [46].

Depois d'Ophiusa, que é pelo menos uma larga faixa das

Pyreneos propriamente ditos, mas os Herminios e a cordilheira que os continúa para nascente. Que este povo seja tão numeroso, que se estenda desde o mar occidental até além do Ebro é possivel, mas muito pouco provavel, e não é impossivel que por *arduos colles* Diniz entendesse que só podia tratar-se aqui dos montes por excellencia da Hispanha.

[46] Dissemos na nota 44 que os commentadores, quasi todos, têem como assente que os ligures, aqui mencionados, são um e o mesmo povo, de que se occupou o anonymo, fallando das Œstrymnides. O snr. Arbois de Jubainville (*Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 235), d'accordo com o snr. Müllenhoff (obr. cit., carta ao fim do volume), colloca estes unicos ligures nas costas da Gallia, das immediações de Liger para o norte; mas, a não acreditarmos que o auctor do roteiro não tem sombras de senso commum, ou que Avieno o desfigurou d'um modo impossivel, tal opinião viola desapiedadamente os textos do nosso documento e vacilla nas suas proprias bases. Se não quer conceder-se que cempses, sæfes, ligures e draganes habitam todos *Ophiusæ in agro*, ha-de conceder-se pelo menos que os ligures habitam perto (propter) dos cempses d'Ophiusa. Ora, mesmo estendendo os cempses até á raiz dos Pyreneos, conforme a versão de Diniz, como é que os ligures ficam perto dos cempses, se os separam d'elles a cordilheira dos Pyreneos e os draganes, que, segundo os dous sabios, tomam a costa da Gallia desde os Pyreneos até o Liger?

O *nivosus maxime septemtrio* tem alguma relação com o norte da Europa? ou com o norte da Hispanha? Se procuramos este *nivosus maxime septemtrio* na Europa, encontramos o velho territorio dos li-

costas do norte e das costas do poente da Hispanha até o sul da bahia do Sado, o anonymo nomeia:

3.º **Os Cynetos.**

Este povo tem por limites, a nascente o rio Ana; ao sul e poente o mar; ao norte os cempses, parecendo que os sæfes já não visinham com elles, e podendo inferir-se que os deveriamos procurar mais para o interior.

Como se vê, na parte ethnographica o anonymo não é menos laconico que na topographica, e, apesar da menção de

---

gures, *cassum incolarum*. D'ahi é que elles fugiram para escapar aos celtas, e não só nenhuma passagem do roteiro auctorisa a affirmar que elle diga uma palavra das costas da Gallia, e nos mencione ahi os fugitivos, mas tudo quanto elle diz importa uma negação.

Os ligures, expulsos do norte da Europa pelos celtas, viriam refugiar-se pelas immediações da Bretanha segundo a opinião que combatemos e ahi esconder-se-hiam pelos alcantis dos montes que topetam com o céo, a tremer d'uma segunda invasão *por mar*. Mas é por terra, crêmos nós, que elles deviam receal-a na Bretanha, por perto da qual deveriam rodar os celtas, seus perseguidores. Na Bretanha, observa o snr. A. de Jubainville, não ha montanhas que topetem com o céo, e arreda a difficuldade recorrendo ás liberdades poeticas de Avieno.

Vê-se que tudo isto é violento e forçado. Se accommodamos nas Œstrymnides os ligures dos v. 129-45, e «na parte mais septemtrional» d'Ophiusa os ligures dos v. 196-8, todas as incongruencias cessam, os textos são d'uma clareza summa, e resta apenas para os contrariar negar que no tempo do auctor do roteiro não podia haver ligures nas Œstrymnides e em Ophiusa ao mesmo tempo.

alguns povos que vemos passar como sombras, a impressão que nos deixa a pintura das costas da Hispanha é a d'uma viagem ao longo d'um paiz deserto, d'uma verdadeira Ophiusa, da qual bem póde dizer-se:

Vacuamque glebam nominis fecit sui.

Mas n'este deserto habitam alguns povos; em Achale ha indigenas que denominam assim a ilha; o golfo œstrymnico tambem se rasga diante dos habitantes do Œstrymnis, e n'estas costas desertas o roteiro diz-nos em meias palavras que conhece os portos da Corunha, do Padrão, do Lima, d'Aveiro, do Tejo, do Sado, de Lagos, sendo muito provavel que os frequentasse e explorasse — o que vale o mesmo que dizer que tudo isto era habitado.

A reserva d'este documento, tornamos a dizel-o, é por isso muito suspeita para nós, e sobre este problema e outros de importancia ainda maior não lançaria pouca luz o conhecimento da nacionalidade do auctor do roteiro e da época mesmo aproximada da composição da sua obra.

Qualquer d'estas questões é extremamente melindrosa, mormente para nós, que no terreno, em que nos collocamos, somos obrigados a chegar ao fim da nossa tarefa, quasi sempre em desaccordo com as opiniões geralmente recebidas.

Isso não obsta a que continuemos a marcha.

Sobre a nacionalidade do auctor do periplo tem-se aventado duas supposições. Uma que este auctor é um grego, e no-

meadamente Pytheas [47]. Attendendo á antiguidade que respira em todo este documento, e aos meios de toda a especie, com que os phenicios, monopolisadores do commercio do Occidente, sabiam livrar-se de toda e qualquer concorrencia [48], apenas o nome de Pytheas poderia lembrar para auctor d'um roteiro, como o nosso, que só podia ser escripto por uma testemunha ocular, pois que só Pytheas, levado da sua paixão pelas descobertas geographicas, e que chegou innegavelmente ás regiões do norte, a despeito de todos os perigos, seria capaz d'um tal trabalho [49].

---

[47] É o que pretende demonstrar o snr. W. Christ no seu escripto: *Avien und die ältesten Nachrichten über Iberien*, etc.

[48] Os phenicios mettiam a pique os navios estrangeiros que encontravam entre a Sicilia e as columnas d'Hercules, segundo Eratosthenes (em Strab. XVII, 1, 19). Quanto ao mysterio que elles faziam do seu commercio para fóra das columnas, nomeadamente para o norte, basta conhecer o facto narrado por Strabon (III, V, 11). Seria facil mostrar com innumeras citações que o Atlantico, graças de certo á artimanha dos phenicios, se tornou para os antigos uma especie de *mare tenebrosum*, como mais tarde o foi para os arabes. Crêem alguns que, no intervallo entre a dominação tyria e carthagineza, a navegação para Gades, e fóra de Gades, esteve livre, porque Colæus de Samos, e depois os Phocenses de Marselha, apparecem em Tartessus; mas o primeiro veio alli ter por um verdadeiro naufragio (Herodoto, IV, 152), e os segundos nem passaram de Tartessus, nem ahi voltaram, apesar das instancias d'Arganthonius e das riquezas que elle lhes liberalisou (Herodoto, I, 163).

[49] Resta todavia provar se Pytheas viu as costas occidentaes da Hispanha. O que se sabe das suas aventuras é que elle fez uma viagem ao norte da Europa, outra de Gades ao Ponto Euxino (Strabon, II, IV, 1). A viagem ao norte não implica necessariamente a circumnavegação da Hispanha; a segunda viagem quasi que a nega indirectamente.

Mas esta opinião sustentada pelo snr. W. Christ, tem encontrado poucos adherentes, que saibamos, e em verdade tudo o que consta das informações que Pytheas nos deixou quadra pouco ou nada com as informações que nos dá o roteiro [50].

A segunda opinião, em via de se tornar dogmatica, é que o auctor primitivo do roteiro foi um phenicio, mas que a sua obra chegou ás mãos d'Avieno já n'uma traducção grega, e com interpolações n'ella inseridas pelo primeiro traductor [51].

Esta ultima supposição, que envolve para o velho documento uma suspeita d'apocryphidade vaga, impõe-nos a obrigação de joeirar escrupulosamente os seus textos, sem o que poderiamos attribuir a um antiquissimo informador noticias d'um escriptor relativamente moderno, e as gravissimas consequencias d'um equivoco de tal ordem são faceis de imaginar.

É esse um ponto que trataremos conjuntamente com o exame das provas a favor ou contra uma traducção grega, pela connexão que as duas cousas teem entre si.

Ambas as opiniões supra-mencionadas já deixam entrever que ha alguma cousa de intuitivo quanto á intervenção d'um grego na composição do roteiro, e isso provém do exame mesmo da *Ora maritima*, que umas vezes cita expressamente fontes historicas gregas, outras vezes nos dá nomes de physiognomia grega.

---

50 Um facto bastará, crêmos nós, para fundamentar esta asserção. Segundo o snr. W. Christ, as noticias d'Eratosthenes sobre o norte e occidente da Europa são extrahidas dos escriptos de Pytheas (obr. cit., pag. 33 e *pas.*). Ora Eratosthenes conhece já celtas junto a Gades (Strabon, II, IV, 4), e nós veremos que o roteiro não diz uma palavra ácerca de celtas no Occidente e muito menos na Hispanha.

51 K. Müllenhoff, obr. cit., pag. 83 e seguintes.

Mas aqui não lembrou sequer, nos parece, tratar de saber se no roteiro d'Hierne a Tartesso andava a mesma mão que na descripção das Columnas para nascente. Dá-se como incontroversa a unidade do periplo, argumentando assim com a evidencia das provas em questão, abundantes no roteiro do nascente para o do poente, onde ellas realmente não são muitas [52].

Ora esta idéa, se não erramos, é falsa.

O encadeamento das medidas itinerarias d'Hierne ás Columnas e das Columnas a Pyrene, que poderia talvez invocar-se a favor d'aquella opinião, é já uma das razões que nos obriga a rejeitar a unidade da descripção. Este encadeamento é absurdo, e por isso que este absurdo é filho d'um erro grosseiro d'Avieno, é inquestionavel que o poeta n'este ponto não seguiu senão a sua propria inspiração.

Basta lêr a seguinte passagem para reconhecer que só Avieno póde ter a responsabilidade dos disparates que ella contém:

> Sed in Pyrenem *ab Columnis Herculis*
> Atlantico gurgite et *confinio*
> *Zephyridis oræ* cursus est celeri rati
> Septem dierum (v. 562-5).

---

[52] Exceptuando a secção do Ana ao Tartessus, d'onde Avieno começa a fazer um amalgama insupportavel com as noticias do roteiro, as dos seus auctores gregos e as suas proprias observações. Compare-se esta secção com as anteriores e sentir-se-ha a differença que vai do simples ao composto. Em todo o roteiro do nascente continúa este processo novo, em que a cada passo intervem o cotejo do presente com o passado.

Como póde vêr-se do v. 225-7, Zephyridos fica na margem esquerda do Ana e proximo da sua foz. Assim as Columnas d'Hercules por esta novissima licção ficariam ao pé do rio Ana. Mas nós já sabemos que em virtude da confusão dos rios Alvôr, Ana e Tartesso, feita por Avieno, para elle o Ana se torna o Tartesso, resultando d'aqui que Zephyridos fica proximo d'este falso Tartessus, e que o poeta pensa agora que pôr as Columnas d'Hercules perto de Zephyridos ou de Tartessus, é uma e a mesma cousa.

Se nós abstrahissemos da translocação aqui inventada por Avieno, e attendessemos sómente a que, sendo a foz do Tartessus uma estação itineraria do periplo do poente, o ponto de ligação das duas secções feito aqui e não no Estreito argue uma opinião singular que mal póde ser outra senão a do anonymo, a mesma navegação de sete dias de Pyrene ás Columnas, que se dá já como anormal — *celeri rati* — não podia ser indicada por um periplo que fazia toda a navegação das costas do poente em quatro dias, sem pensar certamente em viagens excepcionaes.

E o que parece decisivo é que o roteiro do Occidente conta por curtas secções itinerarias, ás vezes d'um dia, e nenhuma razão poderia explicar-nos que elle alterasse o seu habito das Columnas para o nascente, deixando de ser mais minucioso na parte principal da descripção, do que o foi n'um mero incidente d'ella (vide infra).

Mas ouçamos o proprio Avieno.

O poeta escreve o seu poema para satisfazer a curiosidade de Probo, que desejava conhecer as regiões da Palus-Meotide (v. 32-3). Dar-lhe-ha porém mais do que lhe pede o seu amigo, porque começará a sua descripção do « freto Tartessio » (v. 54), pintando-lhe o que ha de notavel desde o Estreito até o Ponto Euxino (v. 68-69). Para todo este trabalho Avieno tomára Sallustio por modelo (v. 33-6), forrageando, provavelmente para a descripção das regiões onde lhe falta aquelle guia, em

Hecateu, Hellanico, Phileas, Scylax, Pausimacho, Damastes, Bacoro, Euctemon, Cleon, Herodoto e Thucydides, excluindo, como se vê, os escriptores que ultrapassem uns certos limites chronologicos que elle impõe [53].

Mas Avieno é duas vezes generoso; dará a Probo duas vezes mais do que elle lhe pediu; não começará só a sua descripção do «freto Tartessio», começará «*paulo altius*» (v. 76-7), e é para cumprir esta ultima promessa que elle insere no seu poema a parte da descripção que temos examinado.

N'esta parte diz-nos elle que utilisou os auctores gregos que enumerou atraz? Não o diz, e, que dissesse, ninguem o acreditaria. Bem que quasi todas as obras d'aquelles escriptores estejam hoje perdidas, não ha que duvidar que em relação a cousas do Occidente elles sabiam tanto como Herodoto, o qual declara ter ouvido fallar das Cassiterides, mas ignorar onde ellas podiam ficar, i. e., não sabiam absolutamente nada [54].

Quaes são então os seus guias para o roteiro do poente? Ao começar esta parte da descripção, diz elle:

> ..... namque fulcit hæc fides
> Petita longe, et eruta ex auctoribus (v. 78-9)

e, ao acabal-a e antes de principiar a do nascente, diz ainda:

---

[53] Com que fins não é facil de perceber. Que seja por mero «divertimento archeologico» parece-nos razão pouco séria, muito mais quando apenas possuimos um retalho da sua obra, faltando por isso as peças do processo para a condemnação ou absolvição do seu procedimento.

[54] Herodoto, III, 115.

Hæc nobis ab imis Punicorum annalibus
Prolata longo tempore edidimus (v. 414-15).

E chegando, na descripção do poente, a ser importuno com as suas monotonas referencias a Himilcon [55], depois, em toda a descripção do nascente, nunca mais allude a Himilcon e aos annaes punicos.

Que elle não pôz a vista em cima do periplo d'Himilcon, resulta do contexto mesmo das suas citações [56]; que elle não redige a sua obra com materiaes dispersos — *ex auctoribus* — e se serve d'um documento unico e nitidamente redigido, prova-se exuberantemente pelo modo mesmo por que o desorganisou. Mas o pedantismo que denunciam as suas falsas citações d'Himilcon, deixa-nos em duvida se a allusão aos annaes punicos concerne unicamente aos extractos d'aquelle auctor, se a estes e ao mesmo tempo ao documento que traduz e que elle reconhece como phenicio.

E agora é pelo traductor grego que elle sabe esta ultima particularidade?

Avieno nem por longe dá a entender que n'esta parte do seu trabalho entrassem subsidios gregos, e explica-se mal que, não se envergonhando, antes fazendo alarde de servir-se dos

---

[55] V. 117-29; 381-89; 408-13.

[56] Himilcon não podia dizer, por exemplo, que tinha gasto quatro mezes *apenas* na sua viagem ás OEstrymnides, mesmo tomando Carthago por ponto de partida, etc. A pintura dos v. 122 e seguintes teria melhor applicação ao *mar de Sargaço* que ao mar do norte, podendo succeder que Avieno troque as noticias d'Hannon com as d'Himilcon.

escriptores da «Grecia antiga» para a descripção do nascente, não só esconda no roteiro do poente o que devia á sciencia d'um grego, mas diga mesmo implicitamente que nada lhe deve, arrogando-se a si — *nobis* — todo o trabalho.

Dir-se-ha que a sua declaração é escusada, visto que no roteiro do poente, mesmo admittido que elle fórma um corpo separado do do nascente, ha passagens que mostram evidentemente que a traducção d'Avieno é já feita sobre uma traducção grega.

Mas vejamos estas passagens.

Primeira:

> ..... hæc (Ophiusa) dicta primo Œstrymnis est
> Locos et arva Œstrymnicis habitantibus;
> Post multa serpens effugavit incolas
> Vacuamque glebam nominis fecit sui. (V. 154-7).

Ophiusa é um nome grego — diz-se, o que prova que um grego collaborou n'este documento; e o facto, que nos conta a fuga dos habitantes da antiga Œstrymnis diante das serpentes, nada mais é para o snr. Müllenhoff que uma fabula inventada pelo traductor grego, que, lendo no periplo um nome equivalente d'Ophiusa, não resistiu á mania de fabricar-lhe uma etymologia [57].

Devemos inferir d'aqui que o nome que o traductor grego encontrou no periplo phenicio (porque para o snr. Müllenhoff o periplo é phenicio), e que verteu para Ophiusa, era um nome phenicio.

---

[57] K. Müllenhoff, obr. cit., pag. 86.

Ha porém a observar o seguinte: no roteiro do Occidente nenhum dos nomes locaes é phenicio. Alguns promontorios eram n'elle certamente designados com nomes de deuses phenicios, que o traductor nacionalisou na sua lingua; mas afóra este caso, que se explica muito naturalmente, as demais denominações são provavelmente tão indigenas como Achale, que o roteiro declara expressamente como tal: Œstrymnis [58], Cempsicum jugum, segundo a correcção adoptada pelo snr. Müllenboff, Pætanion, Achale, Cyneticum jugum, Agonida, Ana.

O nome de Cyneticum levanta mesmo contra o argumento tirado do nome d'Ophiusa a favor da intervenção d'um traductor grego, uma objecção formidavel. Nas costas do sul da Gallia encontramos um «*Cyneticum*» (*litus*) (v. 566), e o snr. Saulcy não hesita um instante em dar a esta palavra uma origem grega, tanto mais que a toponymia actual da região, que aquella denominação indicava, nada mais é que a sua traducção litteral [59].

As mesmissimas razões, produzidas pelo snr. Saulcy em favor da origem grega do *Cyneticum litus*, militam a favor do *Cyneticum jugum* [60]; e todavia ninguem sustentará que o tra-

---

[58] Debalde procuramos em Bochart a etymologia phenicia do nome d'Œstrymnis que o snr. F. Rougemont (*L'âge du bronze*, pag. 119) diz ter achado n'este escriptor. Segundo o snr. Müllenhoff (pag. 91, nota), tem sido infructifera toda a tentativa d'uma tal decifração no dominio das linguas semiticas. Não sabemos se as linguas arianas teem sido interrogadas.

[59] Canigou, Canet (F. Saulcy, *Étude topographique sur l'Ora maritima*, pag. 8).

[60] O serro do monte que fórma o Cabo de S. Vicente chama-se ainda «Espinhaço do Cão».

ductor grego nacionalisasse este nome na sua lingua, porque felizmente a radical d'este nome é a mesma que a do *Cynetes populi,* e não lembrará decerto a ninguem que na denominação d'um povo da Hispanha, conhecido d'outras fontes historicas, influisse em nada o traductor d'um periplo quasi desconhecido ou o arbitrio de qualquer historiador grego.

Assim a existencia d'um nome, tão genuinamente grego na apparencia como o d'Ophiusa, é tão antigo no Occidente, pelo menos, como o proprio roteiro [61]; e, se não póde admittir-se a intervenção do traductor d'este documento, nem a de nenhum escriptor grego, para explicar a physionomia grega do nome de *Cyneticum jugum,* não vêmos por que razões a havemos de admittir para explicar a d'Ophiusa.

Segunda:

> At hinc duobus in Sacram (sic insulam
> Dixere prisci) solibus cursus rati est. (V. 108-9).

Na denominação de Sacra, dada aqui á Irlanda, vê-se outra prova evidenciando a traducção d'um grego.

O snr. Gaidoz com outros sabios alvitra que o nome de Sa-

---

[61] Já a Timeu (Frag. 6. ed. Didot) dava que entender a existencia de nomes topographicos de physiognomia grega no extremo occidente e norte da Europa, e por elles pretendia o historiador confirmar a tradição, segundo a qual os argonautas achariam caminho do Ponto Euxino para o mar do norte, voltando á sua patria pelo Atlantico e Mediterraneo. Tacito, Plutarcho, Ammiano Marcellino e outros occupam-se com estes antigos gregos no noroeste da Europa e nas Britannicas. Segundo Justino, os gallegos jactavam-se de descender dos gregos, etc.

cra, com que se designa a Irlanda, nada mais é que um equivoco originado pelo antigo nome da ilha — Hièrne — com a palavra grega ἱερά — santa [62].

Mas Hièrne ou Ièrne, a não errarmos, nada tem a vêr com ἱερά, e todos os gregos que empregaram este nome — Hièrne — ligavam á ilha um tal caracter de santidade, que Strabon chega a chamal-a uma terra d'antropophagos [63].

Seria o traductor grego do roteiro o unico que, desvairado por uma falsa assonancia, fez d'Ièrne Ierà? Mas, segundo o auctor do roteiro, ou, se se quer, do seu traductor, quem dava á Irlanda o nome d'Hièrne ou Ierà eram os antigos, *prisci,* d'onde resulta que no tempo do roteiro, ou dos seus traductores, o nome da ilha era já muito outro, não podendo confundir-se com ἱερά. Como é então que a Irlanda continúa a ser conhecida até os ultimos tempos pelo nome d'Hièrne, quando este nome para os collaboradores do periplo já era uma reminiscencia archeologica?

Estes antigos, *prisci,* a nosso vêr, não são senão os antecessores do primitivo auctor do roteiro, e parece-nos tão natural que os antigos phenicios, *prisci,* dessem á Irlanda por qualquer motivo a denominação de Sagrada, como a deram ao Cabo de Santa Maria (*Cautes Sacra*), e como deram a denominação de Sagrado ao promontorio da Irlanda, aonde provavelmente aportavam, indo das Œstrymnides, pois que decerto se concederá que esta denominação de «Sacrum promontorium» [64] (Ἱερὸν ἄκρον) não é da lavra dos irlandezes e

---

[62] *Revue Celtique,* II, 353 e seguintes.
[63] Strabon, IV, V, 4.
[64] Ptol., 1.ª T. da Europa.

muito menos dos gregos e romanos, que não consta de parte alguma que commerciassem com esta ilha.

As maiores presumpções, portanto, são que o traductor do roteiro, fosse quem fosse, encontrou n'esta passagem não um nome que se confundisse com a palavra grega ἱερά, mas uma denominação phenicia que significava — Sacra insula.

Terceira:

> ..... siquis dehinc
> Ab insulis Œstrymnicis lembum audeat
> Urgere in undas, axe qua Lycaonis
> Rigescit æthra, cespitem Ligurum subit
> Cassum incolarum; namque Celtarum manu,
> Crebrisque dudum prœliis vacuata sunt:
> Liguresque pulsi, ut sæpe fors aliquos agit
> Venere in ista, quæ per horrentes tenent
> Plerumque dumos: creber his scrupus locis,
> Rigidæsque rupes, atque montium minæ
> Cœlo inseruntur: et fugax gens hæc quidem
> Diu inter arcta cautium duxit diem,
> Secreta ab undis; nam sali metuens erat
> Priscum ob periclum: post quies et otium,
> Securitate roborante audaciam,
> Persuasit altis devehi cubilibus,
> Atque in marinos jam locos descendere. (V. 129-45).

N'esta passagem, aliás celebre, e d'um interesse capital, como tentaremos mostrar mais tarde, não ha uma só palavra que denuncie apparentemente a mão d'um grego; mas o snr. Müllenhoff considera-a como uma interpolação d'um traductor grego, descortinando mesmo por ella a nacionalidade e patria do traductor e a data da sua traducção.

Sob um véu um pouco diaphano para o sabio critico, esta passagem reproduz os factos historicos passados na Liguria, durante o seculo II antes da nossa era e que Polybio summaría no seu livro 33..

Um episodio dos desastres, soffridos então pelos ligures do Mediterraneo e ainda frescos para um marselhez que tinha motivos para odiar os seus visinhos, seria aqui transferido por elle para a historia dos ligures que o periplo, que elle traduzia, lhe mencionava no norte, embora soubesse que a applicação era falsa [65].

D'aqui a inferencia quanto á patria do traductor e á data da sua interpolação.

Mas comparemos os factos historiados por Polybio com as noticias da *Ora maritima*.

Segundo Polybio, os marselhezes vivamente apertados pelos ligures pedem soccorro a Roma, que se apressa a mandar deputados á Liguria, para se entenderem com os seus habitantes. Estes porém nem os deputados querem ouvir; chegam a maltratal-os a ponto, que um exercito romano atravessa logo em seguida os Apenninos, e o seu general, Quinto, opéra com tal fortuna, que dentro em pouco os ligures, completamente destroçados, rendem-se á mercê do vencedor, fazendo entrega do seu territorio. Os vencidos são desarmados e o seu paiz desmembrado, tanto quanto pôde sêl-o, em beneficio dos marselhezes, aos quaes os ligures ficam obrigados a entregar refens em épocas determinadas [66].

Que diz a passagem da *Ora maritima?*

Os ligures viviam no alto norte, nas regiões geladas da Ursa. Um dia são atacados bruscamente pelos celtas, e depois de sangrentos e aturados combates abandonam a sua velha patria, vindo refugiar-se nas Œstrymnides, segundo a nossa opinião,

---

[65] K. Müllenhoff, obr. cit., pag. 87.
[66] Polybio, XXXIII, 4, 6, 7.

ou nas costas occidentaes da Gallia, segundo a opinião do snr. Müllenhoff. Por muito tempo esta gente fugitiva, lembrada do antigo perigo, *que lhe veio do mar,* viveu escondida pelos montes, não ousando descer á costa, para não desafiar novo desastre, uma nova invasão. Isto durou muito tempo. Como porém nada fundamentasse os seus temores, os ligures vieram descendo para a beira mar. Acrescenta o roteiro que o antigo paiz dos ligures ficou deshabitado — *cassum incolarum.*

Como se vê, entre os successos narrados na *Ora maritima* e em Polybio ha uma unica analogia — fallar-se de ligures. Tudo o mais é tão diametralmente opposto nas duas narrações, tão inconciliavel nos factos em si e no theatro em que elles se desenvolvem, que chega a espantar como o snr. Müllenhoff se lembrou de fazer uma aproximação similhante.

Além d'estas tres passagens, algumas palavras e phrases avulsas teem sido lançadas a cargo dos traductores.

Já tocámos n'um d'estes pontos fallando da Irlanda, á qual os antigos, *prisci,* tinham chamado Sacra. Do promontorio Œstrymnis diz-se egualmente que era assim denominado pelo *œvum antiquius.*

Estas allusões teem o mesmo valor chronologico, como é manifesto, e se uma d'ellas pudesse ser aclarada, a mesma luz devia aclarar as outras.

Quanto ao Œstrymnis, se o *œvum antiquius* o denominava assim, claro é que o auctor que faz esta observação sabe que no seu tempo o promontorio tinha outro nome, e qual. Ora quem faz esta observação não póde ser nenhum traductor do roteiro, pela simples razão de que, se o traductor nem sequer sabe, conforme vimos, onde o Œstrymnis fica, menos póde saber qual o nome que lhe davam no seu tempo.

A noticia portanto apenas póde provir do redactor primitivo do documento. É elle quem não só faz referencias a épocas anteriores á sua, mas que se serve de nomes locaes archaicos que lhe transmittiram os *prisci, antiqui,* pois que,

supposto o nome d'Œstrymnis seja archaico, elle continúa a empregal-o e nem o equivalente moderno nos transmitte.

Com relação ao Œstrymnis dá-se mais o caso de não poderem estes *antigos* ser os habitantes, aos quaes o promontorio devia o nome, visto que estes antigos informadores do nosso mareante seriam então os Œstrymnidos, e os Œstrymnidos haviam desapparecido, ha muito, ficando o seu paiz deserto ou habitado por gente nova.

Quem eram então estes *prisci?*

O enigma parece-nos ser de facil decifração, se admittimos por hypothese a existencia d'um povo que, por decurso de seculos, passa e repassa diante d'este promontorio, cujo nome — Œstrymnis — aprendeu dos seus habitantes desde o dia em que o conheceu, e assim continuou a chamal-o sempre, não obstante as revoluções, por que passou aquelle paiz e a sua toponymia — revoluções que são completamente indifferentes para um estrangeiro, o qual nada lucra em innovar os nomes tradicionaes das suas estações de commercio, antes pelo contrario.

Esta hypothese é um facto conhecido de toda a gente. Desde o seculo XI, pelo menos, antes da nossa era, os tyrios e depois os carthaginezes passam e repassam mil vezes por diante do promontorio Œstrymnis nas suas viagens para o paiz do estanho e do ambar [67].

Assim para nós, estas allusões aos *prisci,* ao *œvum antiquius,* nada mais são que referencias d'um navegador, relativamente recente, a outro mais antigo e respeitado, e estas palavras empregadas pelo roteiro com uma intenção determinada, e

---

[67] É geralmente acceite a data de 1100 antes da nossa era para o estabelecimento dos tyrios em Gades.

não com a applicação vaga que lhe podia dar um traductor, demonstram evidentemente que o auctor do periplo é um carthaginez, que com o commercio dos tyrios havia herdado tambem os seus roteiros (não diremos escriptos) e os nomes que n'elles vinham notados [68].

N'este presupposto são os tyrios os *prisci* que deram á Irlanda, extremo limite da navegação occidental phenicia, o titulo de *Sacra,* e esta denominação parece ser tão rotineira, como a d'Œstrymnis, pois que nenhuma palavra do texto do roteiro dá a entender que a Irlanda continúe a ter para os carthaginezes a santidade, que tinha para os seus predecessores.

Para terminar a lista das interpolações, resta-nos examinar o trecho seguinte:

> Tartessiisque in terminos Œstrymnidum
> Negotiandi mos *erat;* Carthaginis
> Etiam coloni, et vulgus, inter Herculis
> Agitans Columnas, hæc *adibant* æquora,
> Quæ etc. (V. 113-16).

Omittimos a transcripção dos v. 117-28, por serem uma

---

[68] Na exposição dos phenomenos que se diz — *aiunt* — ter logar nos confins da ilha Achale, Avieno intervem pessoalmente, segundo parece, para se illibar do desaire d'uma crendice vulgar. « A cousa custa a crêr, de tão miraculosa que é; mas não ha uma testemunha só a affirmal-o, ha muitas ». O auctor do roteiro, que podia desenganar-se por si mesmo se o que se dizia tinha, ou não, fundamento, não devia exprimir-se d'este modo. A nota — *memorant vetusti* — parece pois indicar apenas uma relação entre Avieno e o narrador primitivo.

das fastidiosas citações d'Himilcon, e incapaz de illudir os mais ingenuos.

Os versos transcriptos são, como os omittidos, uma interpolação d'Avieno e tão manifesta, como se trouxesse a sua assignatura. Com intenção ou sem ella, o poeta que até aqui empregava os verbos no presente, muda-os para o passado — *erat, adibant,* — e, quando nos conta que os colonos de Carthago, os gaditanos sem duvida, *haviam frequentado* os mares do norte, é como se nos dissesse que os não frequentavam no seu tempo, e remetter-nos a esta passagem, em que elle se nos apresenta como testemunha ocular:

..... nunc egena (Gadir), nunc brevis,
Nunc destituta, nunc ruinarum agger est.
Nos hoc locorum, præter Herculaneam
Solemnitatem vidimus nihil mirari. (V. 271-74).

O que poderia pôr-se em duvida é se Avieno enfeixa aqui duas noticias, uma sua, outra do auctor que traduz, collocando-as no mesmo momento chronologico, quando a primeira, a que nos relata o commercio dos tartessios com os œstrymnidos, é extrahida do seu anonymo, o qual, narrando um facto seu contemporaneo, não podia empregar o verbo *erat,* mas *est.*

Parece-nos isto mais que provavel [69].

---

[69] De resto, é significativo que em todo o roteiro nunca appareça expressamente mencionado o nome dos tyrios e dos carthaginezes, a proposito do famoso commercio com o norte.

E aqui termina a lista das passagens, que trahem a mão d'um traductor grego, e a das interpolações, que podiam alterar o pensamento primitivo do auctor do roteiro.

D'este exame o que incidentemente se apurou foi que, quanto mais se esmerilha este documento, mais indicios se lhe descobrem da sua origem phenicia.

Verifica-se ella egualmente pela affirmativa de Thucydides, segundo a qual era costume dos phenicios occupar e provavelmente consagrar ás suas divindades os promontorios das costas que navegavam [70], e de facto nós vemos o Cabo de Santa Maria consagrado a Bel, o Roca provavelmente a Astarté, a Pelagia insula a Bel, o Corrobedo a Astarté, as columnas do Œstrymnis a Melkart.

Não são tambem argumento de pouco peso as largas medidas itinerarias do roteiro do poente, e que fallam em abono dos tempos aureos da marinha dos phenicios.

Este documento é pois certamente phenicio; e, se os *antigos,* a que elle allude, são os tyrios, como suppomos, o auctor do periplo não póde deixar de ser um carthaginez, e o *maximum* da data do roteiro fica limitado ao tempo em que, depois da ruina de Tyro, o commercio do extremo Occidente passa para as mãos de Carthago [71].

Quanto á adulteração do documento, devida ás addições do traductor grego e latino, para nós é mais que duvidosa a

---

[70] Thucydides, VI, 2. É pelo menos o que faziam na Sicilia.

[71] Sobre este ponto, vid. Müllenhoff, obr. cit., pag. 108 e seguintes.

existencia d'um traductor grego. Admittindo-a porém por excesso de prudencia, as alterações operadas por elle consistiriam, quando muito, na substituição do nome d'Ophiusa por um outro, e na deturpação do nome d'Hierne. Isto é quasi dizer que o velho roteiro ficou intacto; e o que prova até certo ponto que o traductor ou traductores respeitaram a sua integridade, e estava longe do seu animo sobrecarregal-o com episodios alheios, é que nós nem sequer vemos aqui a menção de Thule e outras noticias relativas ao norte, em voga depois de Pytheas, e que um traductor, comido pelo prurido de ostentar a sua erudição, não deixaria de inserir com quanto mais lhe lembrasse.

Mas nem o proprio Avieno, o paraphrasista de Diniz, commetteu este peccado. As suas addições limitam-se, como mostrámos, a uma noticia que tinha relação com o que elle presenceára em Gades, e ahi mesmo a mudança de tempo dos verbos dá á sua intercalação o caracter d'uma apostilla, cuja paternidade elle não pretende disfarçar. Verdade é que esta louvavel reserva desapparece na ultima secção d'este mesmo roteiro do poente, do Ana para o Tartesso, onde as noticias do auctor do roteiro são já baralhadas com noticias d'outra procedencia; mas isso mesmo provaria que do Ana para o norte o terreno era tão desconhecido, que a audacia de qualquer intruso tinha de recuar diante do perigo inevitavel de só dizer absurdos.

A interpolação, suggerida pelo snr. Müllenhoff, de que tratámos a pag. 78 e seguintes, não podemos admittil-a de modo algum, e vamos examinal-a mais detidamente, não só pela summa importancia que tem em si mesma esta famosa passagem, mas por nos ajudar a fixar melhor a data do roteiro.

Bom seria reler com toda a attenção os versos, que ficam transcriptos a pag. 78.

Diz-se-nos aqui que a antiga patria dos ligures é o extremo norte. Para precisar a sua posição, Avieno emprega quasi

as mesmas palavras, que emprega na sua *Orbis descriptio,* para precisar a de Thule [72].

As suas indicações ainda assim são muito vagas. Sabemos apenas por ellas que a velha Liguria ficava muito ao norte das Œstrymnides, e fóra da ilha dos Albiões que pegava com estas, visto que quem das Œstrymnides quizesse ir para a terra dos ligures tinha de affrontar o mar e entrar nas regiões geladas da Ursa.

A circumstancia porém de que a gente fugitiva não ousava na sua nova patria mostrar-se na praia,

> ..... nam sæli metuens erat
> Priscum ob periclum

prova que a velha terra ligurica ficava á beira-mar, e que pelo mar é que ella foi atacada. Uma região no alto norte, á beira-mar, e sujeita a uma invasão maritima, não póde ser collocada senão nas margens do mar Baltico, em frente da Scandinavia. Ora é precisamente n'esta região, no paiz do ambar, pelas immediações do Eridano (Rheno), que os antigos gregos, de certo por mediação dos phenicios, conhecem os celebres ligures, governados por Cycnus, o amigo de Phaethonte, etc.

Que foi feito d'este povo, ao qual a mythologia hellenica

---

72 Longe dehinc celeri siquis rate marmora currat
Inque Lycaonis cymbam procul urgeat Arctos
Inveniet vasto surgentem vertice Thulen.

(*Orb. Descriptio,* v. 758-60).

dedicou algumas paginas graciosas, e do qual nenhum escriptor achou mais tarde vestigios?

Um phenicio do seculo VI explicar-nos-hia o enigma. É que os ligures foram um dia subitamente atacados pelos celtas, que vinham d'além-mar. Por muito tempo, e á custa de muito sangue, os velhos ligures combateram pelos seus lares; mas por fim apoderou-se d'elles um tal pavor, que fugiram ao longo das costas da Gallia, atravessaram o estreito que os separava das Œstrymnides, e, refugiados aqui, a lembrança do seu immenso desastre, da ferocidade e talvez do numero sempre crescente das hordas invasoras torna-os tão medrosos, que elles escondem-se pelos cabeços dos montes, pelas fendas dos rochedos, sem atrever-se a chegar á beira-mar, com receio de que o seu implacavel inimigo os possa avistar e nem aqui os deixe em paz.

Ao fim de muito tempo — *diu* — como nada justificasse as suas apprehensões, os ligures vão-se estabelecendo pela costa. Segundo a observação do roteiro, os celtas desdenharam o territorio dos ligures, pois que elle ficou *cassum incolarum*.

Que tem esta passagem de tão extraordinario, que não possa ser escripta por um phenicio do seculo VI, e sim por um marselhez do I?

O snr. Karl Müllenhoff tem por incontroverso que ninguem nos tempos modernos (no dos traductores) podia saber nada da expulsão dos ligures septemtrionaes pelos celtas [73].

É evidente; mas do mesmo modo quem nos tempos moder-

---

[73] K. Müllenhoff, obr. cit. pag. 86.

nos podia saber se os ligures, fugidos do norte, se refugiaram nas Œstrymnides, o que faziam ou não faziam aqui?

Quem podia saber se os celtas, depois da ruina dos ligures, desprezaram o paiz d'estes, não occuparam as costas occidentaes da Gallia e as ilhas do poente, como os ligures receiavam, e tomaram outra direcção?

Quem podia saber se os celtas vieram d'além do mar do norte?

Tudo isto que um moderno não podia saber, podia e devia sabel-o um antigo phenicio que frequentava habitualmente os mares do norte, e convivia com as victimas dos celtas.

Mesmo que pudesse provar-se que parte dos factos aqui historiados era falsa ou fabulosa, a authenticidade de todo o texto ficava salva; porque, embora a qualquer grego sobejasse arte para improvisar tudo isto e muito mais, o que elle não podia fazer de modo algum — pois que estas cousas não se improvisam — era dar aos seus quadros a côr local que elles inquestionavelmente teem e que revelam a mão d'um escriptor perfeitamente conscio da sua topographia — qualidades que já reconhecemos distinguirem todo o roteiro.

A questão pois versaria sobre saber se os factos narrados pelo auctor do roteiro são verdadeiros ou fabulosos.

Para nós teem elles o cunho profundo d'uma verdade sem mancha, e entendemos até que só os nossos prejuizos é que nos teem tolhido de prestar a attenção devida a esta especie de Cassandra que, ha tantos seculos, nos conta singelamente um facto, para averiguar o qual se teem revolvido todas as bibliothecas, feito e desfeito milhares d'hypotheses, desprezando uma testemunha quasi contemporanea, que podia colher as noticias na sua fonte pura, e nenhum interesse tinha em as desfigurar.

Facilmente se vê porém que para sustentarmos a nossa opinião teriamos d'entrar na emmaranhada questão celtica, o

que não póde ter cabimento n'este estudo, que já se vai alongando de mais [74].

Para furtarmos mesmo o nosso trabalho á influencia da nossa convicção, cingir-nos-hemos apenas á doutrina dos mais prudentes, tirando porém as consequencias legitimas que n'ella se conteem.

O roteiro pertence ainda á antiga geographia que não conhece celtas no Occidente [75]. Os unicos celtas de que elle tem noticia são os invasores da Liguria do norte [76], que parece te-

---

[74] Diremos apenas que a direcção que o roteiro indica á invasão dos celtas na Europa, não é uma affirmativa tal que espante pela sua singularidade. Livio, fallando da procedencia dos gaulezes, se n'uma parte diz que elles vieram da Celtica, diz n'outra que vieram *ab Oceano terrarumque ultimis oris* (v. 37). Nas tradições recolhidas por Plutarcho (*Marius Camillus*), a Celtica fica para o extremo norte. Segundo as tradições druidicas (Am. Marcellino, xv, 9) parte da população da Gallia chegára *ab insulis extremis et tractibus transrhenanis*. Os archeologos do norte, diz o snr. H. Martin (*Revue d'Antropologie*, 1879, abril, pag. 199), teem razões para crêr que, entre os seculos VIII a X antes da nossa era, um povo d'armas e costumes novos apparece na Suecia e Dinamarca, expulsando a população que o precedera. No seculo VII ou VIII é que poderiamos collocar a invasão celtica mencionada pelo roteiro e a expulsão dos ligures, attendendo á resistencia pertinaz que elles primeiro oppuzeram aos invasores, e ao muito tempo—*diu*—que elles habitaram nas montanhas antes de se decidirem a descer para a praia.

[75] Müllenhof, obr. cit., pag. 96.

[76] Entende o snr. Müllenhoff, que não obstante o silencio do roteiro sobre o nome de celtas nas ilhas Britannicas e no noroeste da Gallia, a existencia de povos de origem celtica n'uma e n'outra parte é um facto indiscutivel (obr. cit., pag. 96). Sentimos que o sabio critico omitisse no seu livro as razões principaes em que funda a sua opinião. A que nos exhibe, tirada da physiognomia celtica dos nomes d'hièrnos (ou hibernos) e albiões, não contenta de certo todos os leitores. O snr.

rem-se internado pela Europa, deixando de lado o occidente da Gallia, contra a espectativa dos asylados das Œstrymnides, que por muito tempo temeram vêl-os estabelecidos alli e d'alli passarem ás ilhas.

Nenhuns celtas no occidente da Hispanha. É outro dogma do snr. Müllenhoff [77].

Desde o alto norte até o Cyneticum jugum, todo o occidente, no tempo do auctor do roteiro, é occupado por povos em que predomina o elemento ligurico, segundo a velha geographia que aos scythas do norte e aos æthiopes do sul contrapõe os ligures do occidente; em Ophiusa, entre o mar Cantabrico e os cempses, um dos povos conhecidos pelo nosso auctor conserva mesmo o nome especial de ligures.

Tempos depois, este systema geographico é profundamente

Arb. de Jubainville (obr. cit., pag. 223 e seguintes), e antes d'elle Celesia (*Dell'antichissimo idioma de' Liguri*), sustentam que a lingua dos ligures era ariana e estreitamente aparentada com a celtica. Na opinião do mesmo snr. Jubainville (pag. 228), o nome de Albion seria ligurico; na opinião do snr. W. Stokes, o nome d'hièrnos ou hibernos vem d'uma lingua pre-celtica (*Revue Celtique*, II, pag. 357). Os nomes d'hiernos e albiões não são pois necessariamente celticos; o que póde affirmar-se é que são arianos, e podem bem ser liguricos. De resto, se os hièrnos e albiões são celtas e teem tomado, mesmo nas ilhas Britannicas, um tal predominio no tempo do roteiro, que elle só vê na Irlanda e na Inglaterra estes dous povos, é difficil de comprehender que os celtas appareçam aqui na sombra dos ligures, como quer o snr. Müllenhoff, quando nós sabemos por outro lado que o predominio dos celtas sobre os ligures foi tão estrondoso que produziu uma profunda revolução geographica. Acrescentemos que, entre outros, Belloguet (*Le genie gaulois*, pag. 229) colloca a invasão celtica nas ilhas Britannicas no seculo V, depois dos factos narrados no nosso anonymo.

[77] K. Müllenhoff, obr. cit., pag. 107-8.

alterado na sua secção do occidente; aos ligures são substituidos os celtas, e suppõe-se que esta alteração não é meramente geographica, mas importa uma transformação ethnographica ou melhor politica: a dominação dos povos liguricos é supplantada em algumas partes pela dos celtas, e o que é certo é que já no tempo d'Herodoto os celtas apparecem-nos na Hispanha a par dos cynetos [78].

Assim, se o *maximum* da data do roteiro não póde ultrapassar o seculo VI, em que Carthago substituiu Tyro no monopolio do commercio do norte, o seu *minimum* fica limitado pela data, em que o nome dos celtas é mencionado a par dos povos occidentaes da Hispanha, seculo V.

Querer ir mais longe afigura-se-nos temeridade, porque não vemos luz que possa alumiar-nos o caminho.

Creia agora quem puder que do seculo VI ao V antes da nossa era as costas do occidente da Hispanha tinham o aspecto de solidão, que deixa inferir o antigo roteiro, e que tão vivamente contrasta com a actividade dos œstrymnidos (v. 98-102) e dos tartessios e as relações commerciaes entre uns e outros.

Os povos d'esta costa deviam ter os mesmos habitos [79] e

---

[78] Herodoto, II, 33.

[79] Os lusitanos na navegação dos seus rios usavam de barcos de couro como os œstrymnidos (Strabon, III, III, 7).

indole, como provavelmente tinham a mesma origem e lingua, que aquelles seus visinhos do norte e sul; e, se uma causa inexplicavel os obrigasse a viver n'uma torpe inacção e lhes tolhesse toda a iniciativa, os mercadores já tartessios, já tyrios, já carthaginezes, que cruzavam e recruzavam por diante d'elles e precisavam d'elles para alimento das suas veniagas, e não podiam dispensar os seus portos para a commodidade das suas viagens, saberiam estimulal-os.

Mas já dissemos que as semi-confidencias do roteiro deviam pôr-nos em guarda contra quaesquer conclusões precipitadas; e quem examinar as reliquias de povoações d'um caracter preromano que abundam pela nossa beira-mar, e que ninguem sustentará que surdissem apenas á vara magica dos mercadores de Carthago, e muito menos á do conquistador romano que não frequentava o Atlantico, tem de concluir que os ligures, cempses e cynetos participaram desde épocas muito remotas d'essa civilisação tal qual de que os tartessios eram os principaes representantes, e da qual sabemos muito pouco ou nada.

Em vista d'isto, mais enigmatica se torna a reserva do roteiro. É possivel que as minuciosidades, cuja falta estranhamos e sentimos, fossem para o seu auctor verdadeiras superfluidades, e que elle entendesse serem sufficientes esclarecimentos para o mareante a indicação dos promontorios, como elle os caracterisava e ao pé dos quaes todo o mercador tinha obrigação de subentender um porto — esclarecimentos que, combinados com os dados itinerarios, sem isso insignificantes, constituia tudo quanto importava saber n'esta navegação; mas é possivel tambem que tudo que não era estrictamente indispensavel fosse intencionalmente supprimido. O roteiro seria n'este caso uma especie de roteiro em cifra, apenas util áquelles que estivessem meio iniciados nos segredos d'esta viagem, e sem o minimo prestimo para qualquer profano em cujas mãos pudesse cahir. Isto condiria muito bem com o mysterio, em

que todos os exploradores das Œstrymnides envolviam este Eldorado, cujo caminho apenas elles conheciam.

O que mais nos inclinaria a esta ultima supposição era o excentrico ponto de partida, escolhido n'este roteiro.

É d'extrema evidencia que n'uma viagem entre Tartessus e Hièrne o ponto forçado de partida para um carthaginez, ou um tartessio, é Tartessus. O roteiro, começando d'aqui, tocava todos os pontos que lhe convinha tocar, e evitava a descripção escusada da ida e da volta entre a Corunha e as Œstrymnides. E não póde suppôr-se que no documento que Avieno utilisava faltasse alguma pagina, cujo contexto tiraria ao ponto de partida do Œstrymnis o seu caracter extravagante, porque tal cousa só poderia dar-se, se a pagina perdida contivesse a parte da descripção desde o Tartessus ao Œstrymnis — o que não póde ser, pois que n'este caso teriamos duas descripções superfluas das costas do poente — ou se a começasse do principio d'Ophiusa, por exemplo, do angulo do golfo da Gasconha — o que tambem não é possivel, pois que então o roteiro teria descripto e medido mais minuciosamente este lado d'Ophiusa, e não nos daria mais adiante a sua medida aproximada.

Para dizermos tudo o que pensamos, a escolha do ponto de partida parece-nos calculada com toda a velhacaria e ser o complemento do proposito de vedar a intelligencia do roteiro a todo e qualquer que não possuisse a chave do enigma.

Sendo assim, os transvios d'Avieno chegam a ter uma desculpa: o poeta seria um joguete da proverbial «fé púnica».

Fevereiro — 1880.

ERRATA

Pagina 45, linhas 8, onde se lê: *não aconselham a procural-o*—, leia-se:—«nôs aconselham a procural-o.»

ERRATA

Pagina 45, linhas 8, onde se lê: *não aconselham a procural-o—*, **leia-se**:—«nós aconselham a procural-o.»

PORTO: 1880 — TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

(Impresso e typos typographicos)

da typographia de M.

Antonio José Teixeira —

Cancella Velha, 52 —

Porto.

(Officina de J. Martins Sarmento)

3 2044 035 0

This book should be ret
the Library on or before the
stamped below.
A fine of five cents a day is
by retaining it beyond the
time.
Please return promptly.

DUE MAR 25 '50